

Isabel dos Reis Palma Graça

**A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche:
Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância**



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, junho de 2015

Isabel dos Reis Palma Graça

**A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche:
Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância**



ANEXOS

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Porto, junho de 2015

Índice de Anexos

<i>Anexo I</i> - Guião da Entrevista.....	2
<i>Anexo II</i> - Pedido de autorização para a realização das entrevistas à instituição	9
<i>Anexo III</i> - Documento comprovativo da autorização formal concedida pela instituição	11
<i>Anexo IV</i> - Pedido de autorização para a realização das entrevistas à educadora	13
<i>Anexo V</i> - Documento comprovativo da autorização formal concedida pela educadora	15
<i>Anexo VI</i> - Quadro de caracterização dos participantes	17
<i>Anexo VII</i> - Grelha de análise de conteúdo das entrevistas.....	19
<i>Anexo VIII</i> -Transcrições das entrevistas	54

Anexo I - Guião da Entrevista

O referido guião é composto por seis blocos, que de imediato e sinteticamente, apresentamos:

Bloco A - Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada

Com este primeiro bloco visou-se informar a entrevistada acerca do estudo, bem como dos seus temas e objetivos, ressaltando a pertinência e importância da sua colaboração.

Foi assegurada a confidencialidade das informações prestadas, assim como o seu anonimato e pedida a autorização para a gravação em áudio.

Bloco B - Enquadramento académico da entrevistada

Pretendemos com este bloco conhecer alguns dados pessoais da entrevistada e aspetos académicos.

Bloco C - Recolha de dados sobre a etapa da carreira

Este bloco foi concebido com o objetivo de conhecer/situar a entrevistada em termos da sua trajetória profissional, pedindo-lhe para caracterizar o modo como se sente como educadoras.

Bloco D - Recolha de informação da qualidade da creche e dos seus contextos

Este bloco tem como intencionalidade conhecer a opinião da entrevistada sobre o contexto educativo.

Bloco E - Recolha de informação sobre fatores facilitadores ou inibidores de crianças para o SNIPI

Com este quarto bloco pretendemos aprofundar o tema no sentido de conhecer a opinião da entrevistada sobre fatores facilitadores ou inibidores de crianças elegíveis para o SNIPI.

Bloco F - Agradecimentos finais

Com este último bloco manifestamos os nossos agradecimentos à educadora de infância pela colaboração na entrevista.

Guião da Entrevista

TEMA: A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche: Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância

ENTREVISTADA: Educadoras de infância

OBJETIVO GERAL: Conhecer as perceções das educadoras de infância na resposta social de creche relativamente às barreiras no processo de sinalização precoce de crianças em risco grave de desenvolvimento para a intervenção precoce na infância, em Instituições Particulares de Solidariedade Social.

MEIO A UTILIZAR: Áudio/gravação

TEMPO DA ENTREVISTA: 30 minutos

Designação dos blocos	Objetivos Específicos	Questões	Observações
Bloco A	Legitimar a entrevista.	<p>-Informar a entrevistada acerca do trabalho em curso, do tema e do objetivo geral da entrevista.</p> <p>-Solicitar e agradecer a sua colaboração referindo a importância da mesma.</p> <p>-Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas e pedir</p>	Esclarecer com precisão todas as dúvidas colocadas pela entrevistada.

<p>Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada</p>	<p>Motivar a entrevistada.</p> <p>Assegurar a confidencialidade.</p>	<p>autorização para gravar em áudio.</p>	
<p>Bloco B</p> <p>Enquadramento académico da entrevistada</p>	<p>Conhecer alguns dados pessoais da entrevistada;</p> <p>Conhecer aspetos académicos da entrevistada;</p>	<p>-Qual a sua idade?</p> <p>-Qual a sua profissão?</p> <p>-Quais as suas habilitações académica?</p> <p>-Tem formações adicionais?</p> <p>-Quantos anos de serviço na carreira docente?</p> <p>Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?</p>	
<p>Bloco C</p> <p>Recolha de dados sobre a etapa da carreira</p>	<p>Conhecer/situar a entrevistada em termos da sua trajetória</p>	<p>-Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formação inicial; • Formação contínua. <p>-Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua</p>	

	profissional	<p>formação inicial? Porquê?</p> <p>-Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?</p> <p>-Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Satisfação profissional. 	
<p>Bloco D</p> <p>Recolha de informação da qualidade da creche e dos seus contextos</p>	<p>Conhecer a opinião da entrevista sobre o contexto educativo</p>	<p>-Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequenta a sala?</p> <p>- Concorda com o número de crianças? Porquê?</p> <p>- Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?</p> <p>- Concorda com o número de adultos? Porquê?</p> <p>- Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?</p> <p>- Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?</p>	
<p>Bloco E</p> <p>Recolha de informação sobre fatores facilitadores ou inibidores de criança para o SNIPI</p>	<p>Conhecer a opinião da entrevistada sobre fatores</p>	<p>-Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?</p> <p>-Quais os requisitos para essa sinalização?</p> <p>-Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?</p>	

	facilitadores ou inibidores de crianças elegíveis para o SNIPI	-Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.	
Bloco F Agradecimentos finais	Agradecer à entrevistada pela sua colaboração na entrevista.	-Manifestar agradecimento à educadora de infância pela colaboração dada na entrevista.	

Anexo II - Pedido de autorização para a realização das entrevistas à instituição

(Data)

Exmo. Sr. (a)

Coordenador(a) pedagógico(a)

Assunto: Colaboração para a realização de Mestrado

Isabel dos Reis Palma Graça, aluna para obtenção de parte dos requisitos do grau de Mestre em Educação Especial: Domínio da Intervenção Precoce na Infância, da Universidade Fernando Pessoa, orientada pela Doutora Luísa Saavedra, vem por este meio solicitar a V. Exa. que se digne a autorizar a realização de entrevistas às educadoras de infância que já tenham exercido funções pedagógicas na resposta Social de Creche. O guião da entrevista tem como tema “A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche: Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância”, e como objetivo geral conhecer as perceções das educadoras de infância na resposta social de creche relativamente às barreiras no processo de sinalização precoce de crianças em risco grave de desenvolvimento para a Intervenção precoce na infância, em Instituições Particulares de Solidariedade Social.

As informações obtidas serão fundamentais para o desenvolvimento do estudo, mais se informa que garantimos o anonimato da instituição e dos participantes do estudo.

De referir que após a vossa deliberação para a aplicação das entrevistas no vosso Centro Infantil, entraremos em contacto com as educadoras de infância para solicitar a sua autorização e colaboração.

Para algum esclarecimento adicional, junto o meu endereço eletrónico, isabel-palma@sapo.pt e contatos telefónicos 281322788/966170912.

Agradecendo a vossa colaboração

Aguardando uma resposta

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos

A Mestranda

Isabel dos Reis Palma Graça

Anexo III - Documento comprovativo da autorização formal
concedida pela instituição

Declaração

Eu, _____, Diretor(a) Pedagógico(a) da instituição, _____, declaro que autorizo a aluna de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial - Domínio da Intervenção Precoce, Isabel dos Reis Palma Graça, a realizar o estudo “A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche: Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância”, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Declaro ainda que autorizo a divulgação dos resultados globais obtidos para efeitos de investigação, sendo preservado a identidade dos envolvidos.

(Data)

O(a) Diretor(a) Pedagógico(a)

Anexo IV - Pedido de autorização para a realização das entrevistas à educadora

Data ()

Ex.^a. Sr.^a:

Educadora de infância

Assunto: Colaboração para a realização de Mestrado

Isabel dos Reis Palma Graça, aluna para obtenção de parte dos requisitos do grau de Mestre em Educação Especial: Domínio da Intervenção Precoce na Infância, da Universidade Fernando Pessoa, orientada pela Doutora Luísa Saavedra, vem por este meio solicitar a V. Ex.^a que se digne a autorizar a realização de uma entrevista na qualidade de educadora de infância. O guião da entrevista tem como tema “A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche: Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância”, e como objetivo geral conhecer as perceções das educadoras de infância na resposta social de creche relativamente às barreiras no processo de sinalização precoce de crianças em risco grave de desenvolvimento para a intervenção precoce na infância, em Instituições Particulares de Solidariedade Social.

As informações obtidas serão fundamentais para o desenvolvimento do estudo, mais se informa que garantimos o anonimato da instituição e dos participantes do estudo.

Para algum esclarecimento adicional, junto o meu endereço eletrónico () e contatos telefónicos ().

Agradecendo a vossa colaboração

Aguardando uma resposta

Subscrevo-me com os melhores cumprimentos

Isabel dos Reis Palma Graça

Anexo V - Documento comprovativo da autorização formal
concedida pela educadora

Declaração

Eu, _____, Educadora de infância da instituição, _____, declaro que autorizo a aluna de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial - Domínio da Intervenção Precoce, Isabel dos Reis Palma Graça, a aplicar a entrevista para a realização do estudo “A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche: Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância” como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Declaro ainda que autorizo a divulgação dos resultados globais obtidos para efeitos de investigação, sendo preservado a identidade dos envolvidos.

(Data)

A Educadora de infância

Anexo VI - Quadro de caracterização dos participantes

A Detecção de Crianças para a Intervenção Precoce na Creche: Barreiras Percecionadas pelos Educadores de Infância.

Entrevistada	Idade	Profissão	Habilitações Académicas	Formação adicional	Tempo de serviço na carreira docente	Tempo de serviço na resposta social da creche
E1	45	Educadora de infância	Licenciatura	Complemento em Crianças com Necessidades Educativas Especiais	19	6
E2	45	Educadora de infância	Licenciatura	Não	19	9
E3	44	Educadora de infância	Licenciatura	Não	14	7
E.4	44	Educadora de infância	Licenciatura	Não	15	4
E5	35	Educadora de infância	Licenciatura	De momento estou a tirar uma formação de formadores	4	4
E6	24	Educadora de infância	Licenciatura	Não	4	4
E7	61	Educadora de infância	Bacharelato	Não	25	5
E8	36	Educadora de infância	Licenciatura	Não	10	6
E9	44	Educadora de infância	Licenciatura	Não	17	8
E10	36	Educadora de infância	Licenciatura	Formação contínua no âmbito da formação e serviço	13	2
E11	52	Educadora de infância /Coordenadora pedagógica	Licenciatura	Coordenadora pedagógica	28	9
E12	32	Educadora de infância	Licenciatura	Formação contínua de 1 ^{os} socorros, técnica de animação de grupos	3	2

Anexo VII - Grelha de análise de conteúdo das entrevistas

Designação dos blocos	Objetivos Específicos	Questões	Unidades de Registo
<p>Bloco B</p> <p>Enquadramento académico da entrevistada</p>	<p>Conhecer alguns dados pessoais da entrevistada;</p> <p>Conhecer aspetos académicos da entrevistada;</p>	<p>- Qual a sua idade?</p> <p>- Qual a sua profissão?</p>	<p>-45. (E1)</p> <p>-45 anos. (E2)</p> <p>-44 anos. (E3)</p> <p>-44 anos. (E4)</p> <p>-35. (E5)</p> <p>-24 anos . (6)</p> <p>- 61. (E7)</p> <p>-26 anos. (E8)</p> <p>-49 anos. (E9)</p> <p>-36 anos. (E10)</p> <p>-52 anos. (E11)</p> <p>-32 anos. (E12)</p> <p>-Educadora de infância. (E1)</p> <p>-Educadora de infância. (E2)</p> <p>-Educadora de infância. (E3)</p> <p>-Educadora de infância. (E4)</p> <p>-Educadora de infância. (E5)</p> <p>-Educadora de infância. (E6)</p> <p>-Educadora de infância. (E7)</p> <p>-Educadora de infância. (E8)</p> <p>-Educadora de infância. (E9)</p> <p>-Educadora de infância. (10)</p> <p>-Educadora de infância. (11)</p> <p>-Educadora de infância. (E12)</p>

		<p>-Quantos anos de serviço na carreira docente?</p> <p>-Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?</p>	<p>-Pós graduações não. (E9)</p> <p>-Formação contínua no âmbito da formação e serviço. (E10)</p> <p>-Sou coordenadora pedagógica. (E11)</p> <p>-Mestrados não, só formações que tiramos aqui, de 1ºs socorros, técnica de animação de grupos. (E12)</p> <p>-19 anos. (E1)</p> <p>-19 anos. (E2)</p> <p>-14 anos. (E3)</p> <p>-15 anos. (E4)</p> <p>-4 anos. (E5)</p> <p>-Praticamente 4 anos. (E6)</p> <p>-5 anos. (E7)</p> <p>-10 anos. (E8)</p> <p>-17 anos. (E9)</p> <p>-13 anos. (E10)</p> <p>-28 anos. (E11)</p> <p>-3 anos. (E12).</p> <p>-6anos. (E1)</p> <p>-9 anos. (E2)</p> <p>-7 anos. (E3)</p> <p>-4 anos. (E4)</p> <p>-4 anos. (E5)</p> <p>-4 anos. (E6)</p> <p>-5 anos. (E7)</p> <p>-6 anos. (E8)</p> <p>-8 anos. (E9)</p> <p>-2 anos. (E10)</p> <p>-8/10 anos. (E11)</p> <p>-2 anos. (E12).</p>
--	--	--	---

		<ul style="list-style-type: none"> • Formação contínua 	<p>bocado pobre. (E6)</p> <p>-A nível da creche, a minha formação inicial claro que tem alguma influência atualmente, embora eu tenha tido um maior conhecimento quando fiz a licenciatura nalgumas cadeiras, que existiram muitos estudos recentemente sobre a creche, falámos muito principalmente na Gabriela Portugal, em que ela fazia estudos baseados nessa área e que nos despertou para algumas situações que nós não tivemos teoria na formação inicial e, também, aí podemos constatar como realmente a creche é muito importante na vida da criança, ou seja, é o primeiro patamar. (E9)</p> <p>-A nível de formação inicial tive vários estágios, onde estive me creche, em intervenção precoce, APPC e fiquei bastante sensibilizada para vários contextos. (E10)</p> <p>-Tendo em conta a minha formação inicial sinto que foi válida e me facilita ainda hoje, quer dizer, ainda hoje na minha experiência eu uso aprendizagens da 1ª formação inicial. Acho que me preparou minimamente. (E11)</p> <p>-Como educadora tenho ainda pouca experiência, mas como já trabalhei com crianças sendo assistente técnica já tinha algum conhecimento e foi uma mais-valia para a minha formação agora, tanto que tirei o curso como educadora. (12)</p> <p>-Devia haver mais resposta a esse nível, mais formação a nível de creche e mais workshops. (E1)</p> <p>-...nesta altura sinto uma grande lacuna em relação à formação contínua que desejaria ter, mas</p>
--	--	--	---

			<p>que não tem sido possível por haver poucas ações de formação. (E2)</p> <p>-A formação contínua, depois da formação inicial, da experiência e da experiência ao longo dos anos, pois nós vamos verificando e depois de termos experiência vamos aplicando as melhores técnicas, que dão mais resultado na creche. A formação contínua é a experiência. (E3)</p> <p>-Na formação contínua, fui adquirindo conhecimentos que me foram permitindo ser mais competente e detetando mais problemas. Atualmente sinto que a formação inicial não foi suficiente para me dar bases para o meu trabalho. (E4)</p> <p>-Quanto à formação contínua, sinto-me melhor. Acho que cresci muito, na parte de educadora e em tudo. No geral, sinto-me mais otimista, mesmo com as crianças já não tenho aqueles receios que tinha antigamente e também em termos de trabalho de sala, projetos e tudo mais, não tem nada a ver com o início. (E5)</p> <p>-...formação contínua, como estive os 4 anos em creche, claro que já sei um bocado mais sobre essa área por assim dizer. (E6)</p> <p>-Quando fala em formação contínua está a falar em carreira profissional, em ações de formação. Infelizmente, eu sinto isso. Infelizmente, promove-se muitas ações de formação em diversos âmbitos mas na creche muito poucas temáticas, aliás são tratadas muito poucas temáticas relativamente à creche. (E9)</p> <p>-Ao longo da carreira profissional tenho tido formação contínua na</p>
--	--	--	--

		<p>-Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?</p>	<p>intervenção precoce da fundação Irene Rolo nas ações que são feitas direcionadas para as crianças. (E10)</p> <p>-A formação contínua é praticamente a experiência só, porque outras formações têm existido muito poucas ao longo do percurso e reconheço que fariam falta muito mais. Falta alguma formação, agora com a experiência como educadora, como mãe e tudo isso e a própria formação que é hoje, da experiência e teórica de leitura, porque a nível de ter formações mesmo existiram muito poucas e no contexto de creche ainda menos, o que há geralmente nunca é virado para a creche é virado para o jardim-de-infância. (E11)</p> <p>-Em relação à formação contínua, acho que é importante continuarmos sempre, muitas vezes não temos o tempo que queríamos porque também temos que preparar as coisas em casa, estas crianças requerem muita atenção na sala, é complicado dar atenção a todos, uma vez que são muito pequeninos, neste momento estou na sala de 1 ano e as crianças não têm muita autonomia e requerem muita atenção do adulto. (E12)</p> <p>-Sim, porque já temos esse background da nossa formação inicial e a nossa capacidade de agir e de formar têm tudo a ver com essa formação. (E1)</p> <p>-Sem dúvida. Na minha formação inicial tive muito estágio, em creche e em jardim-de-infância. (2).</p> <p>-Sem dúvida. A formação inicial teve muita influência na creche,</p>
--	--	--	--

			<p>como estagiei na creche e foi a partir daí que tomei muito gosto em estagiar na creche, porque é uma idade que me cativou com muitas experiências e atividades que gostei muito de realizar. (E3)</p> <p>-Sim, porque na formação inicial não tive qualquer experiência em creche. Fiz estágios só em jardim-de-infância e em creche não tive essa experiência, nem tive disciplinas que me preparassem para a creche. (E4)</p> <p>-Não, porque não estava ligada à creche só com crianças maiores, à volta dos 5 anos, que não têm nada a ver com a creche. (E5)</p> <p>-Algumas, mas a maior parte não. (E6)</p> <p>-Sim. Não tive formação de creche. Com a experiência dos anos que tenho estado na creche. (E7)</p> <p>-Sim, são. Porque a nível da creche é mais perceptível as coisas teóricas que estudámos na nossa formação inicial, mas a nível prático algumas coisas falham. Por exemplo, uma muda da fralda, não é a nossa competência para o fazer mas é o que acontece nas creches as educadoras mudam fraldinhas. A muda da fralda, se calhar também tem a ver com puericultura, as colegas que ainda não foram mães na creche existe ali algum défice a esse nível... (E8)</p> <p>-Há sempre uma base, há sempre algo que vou buscar à formação inicial, ou seja, que vou reter às teorias que nos foram dadas na formação inicial mas como é óbvio não posso só agir pela teoria da formação inicial. Porque quando nós tirámos o nosso curso,</p>
--	--	--	--

			<p>já há algum tempo, em 1988 salvo erro foi quando terminei, a creche nessa altura era falada mas de uma forma muito, muito ligeira, era quase como posta de lado. (E9)</p> <p>-Sim, porque corri vários setores da educação dentro da APPC, tive contato com várias crianças com necessidades profundas, tivemos várias ações de sensibilização, trabalhei na pediatria que também vi casos, no internamento da pediatria onde houve vários casos que nos foram referidos pelas educadoras e pelos médicos, como direcionar, como intervir, como selecionar. (E10)</p> <p>-Sim, de algum modo sim, porque tenho tido alguma experiência por ter passado pela creche em termos de estágio e por ter sido também nas professoras, nas formadoras, nas cadeiras não se pensava só na minha formação inicial, a linguagem era pra infância e não especificamente para o pré-escolar e para o jardim-de-infância essa linguagem vem depois mais e só mais tarde me apercebi pelo contato com as formandas da Escola Superior de Educação que não se falava de creche, eu senti nessas pessoas com quem convivi algumas vezes que elas tinham uma lacuna de creche total e também nas jovens educadoras que acabam agora, que são jovens porque são jovens, ainda não foram mães, que caem na creche ficam assim completamente..., pronto não têm experiência, não sabem o que vão fazer, ficam frustradas porque não conseguem fazer muitos trabalhos, realizar muitas coisas com os meninos que querem realizar, realizar e não se apercebem que a creche são outras coisas. É importante acompanharmos o desenvolvimento e estimulá-lo e</p>
--	--	--	---

		<p>- Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI?</p>	<p>esse é o nosso trabalho mais em creche do que o desenho, o papel ou o que possa brilhar no placar. E senti que a minha formação inicial teve alguma coisa disso e que neste intermédio depois das formações, da mudança das escolas, que a minha escola era uma escola virada para ser educadores de infância era escola de educadores de infância, era virada especificamente para aqui, agora é para o pré-escolar, é para os meninos, é para a educação em geral e o que vem ainda me assusta mais, porque é educação básica pelo que eu percebo, e depois não sei onde é que ficará a creche, se no mercado de trabalho a maioria são creches, e as pessoas, as rapariguinhas novas caem assim completamente à toa. (E11)</p> <p>-Sim, porque como eu lhe disse ainda sou muito verde neste tema, tenho sempre receio que possa falhar, ninguém gosta de falhar, é normal. E tento sempre pedir opinião a outras colegas com mais experiência que me ajudem, mas tenho sempre como base o início, o que é que fiz com as crianças, o que é que tenho que melhorar e o que é que não tenho que melhorar. A minha formação inicial não me preparou o suficiente para que eu me sinta à vontade com as minhas práticas pedagógicas porque nunca tive estágio na universidade no 3º ou 4º ano em creche e depois chegamos aqui e é complicado saber como é que havemos de agir perante um grupo de crianças com 1 ou 2 anos, uma vez que é a partir dos 3 que fazemos o estágio. (E12)</p> <p>-Sim, porque a nossa experiência profissional, a nossa prática, a nossa pesquisa, o nosso dia-a-dia, tudo isso nos permite detetar as</p>
--	--	--	--

		<p>Porquê?</p>	<p>crianças para a SNIPI. (E1)</p> <p>-Sim. Na minha formação inicial, no meu estágio, para além de termos algumas disciplinas já direcionadas para essa realidade, trabalhei com crianças com NEE e nessa altura fiquei com alguma formação sobre alguns despistes que poderíamos fazer em crianças no seu desenvolvimento. (E2)</p> <p>-Sim. Porque hoje em dia e cada vez mais no dia-a-dia contactamos e verificamos que cada vez mais há crianças com necessidades, apesar de serem diferentes umas das outras, precisando de intervenção e sim, sinto-me através da experiência e formação inicial capaz disso. (E3)</p> <p>-Sim. Porque com a formação contínua fui adquirindo conhecimentos que me permitissem encontrar questões, a experiência permitiu-me detetar situações. (E4)</p> <p>-Não, penso que não. Porque não tenho formação para tal, teria que ter algumas bases para conseguir trabalhar com crianças assim. (E5)</p> <p>-Não, porque no curso não temos formação para isso. (E6)</p> <p>-Não. Porque nunca tive formação contínua. (E7)</p> <p>-Muito honestamente, não. Porque se for uma deficiência que seja visível, algo que não está bem ao nível de audição, de falta de visão, ao nível da fala, que seja perceptível que a criança não fala bem, se houver movimentos que não sejam ditos normais eu considero que consigo fazer essa deteção, caso contrário não. (E8)</p> <p>-Pela formação não, porque não</p>
--	--	-----------------------	--

			<p>tivemos no nosso curso de formação inicial bases para tal. No entanto, a minha licenciatura foi baseada num tema que foi educação especial, na altura era assim que era dito a temática, então eu fiquei alertada para algumas situações e porque também gosto muito destas áreas e leio com alguma frequência e quando deteto que alguma criança está muito longe do padrão normal da faixa etária, eu vou pesquisar, falo com colegas minhas que estão na intervenção precoce, são educadoras do ensino especializado e peço ajuda, porque há fatores ambientais que nos podem passar muito ao lado mas quando nós temos na nossa frente uma criança e quando nós detetamos no dia-a-dia daquela criança que está muito longe do padrão característico da faixa etária, aí temos que pesquisar e pedir ajuda porque só pela formação inicial não chegamos lá. A minha formação atual permite porque fiz a licenciatura na área do ensino especializado, se eu não tivesse feito penso que não estaria tão alertada para este tipo de situações. (E9)</p> <p>-Sim. Pela parte profissional ao longo dos anos pelas crianças que tenho tido, que durante talvez 9 anos tive várias crianças que foram referenciadas pela intervenção precoce, algumas com síndromes mais graves outras com menos. (E10)</p> <p>-Sim. Alguns conhecimentos teóricos que a pessoa também procura hoje em dia ir buscá-los no que se vai vendo, uma pessoa procura a nível teórico, é o que a pessoa pessoalmente consegue encontrar e que se interessa e que lê e pesquisa e depois é a nível da prática de observação, da prática</p>
--	--	--	---

		<p>-Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Satisfação profissional. 	<p>com as crianças. (E11)</p> <p>-A formação não, mas nós com a experiência e com a comparação com outras crianças que temos na sala podemos ver se aquela criança tem o mesmo nível de desenvolvimento e as mesmas capacidades que as outras. (E12)</p> <p>- A nível geral sente-se satisfeita. (E1)</p> <p>-Estou a fazer aquilo de que gosto, consigo transmitir muito do que adquiri na minha formação inicial e tudo o que faço ainda atualmente, faço tendo em conta ainda essa formação e vou tentando inovar, tendo em conta a inovação e tentar atualizar tendo em atenção o desenvolvimento, características das crianças e tudo o que lhes diga respeito. (E2)</p> <p>-É verdade que a nossa prática, o nosso trabalho nos absorve imenso, muitas horas, muita dedicação mas para além disso sinto a necessidade de vez em quando fazer mais formação, contatar com outras colegas pormo-nos a par de certos e determinados assuntos que estão sempre a ser abordados nomeadamente em relação ao ensino especial. (E3)</p> <p>-No dia-a-dia nós não temos ações de formação que nos ajudem a encontrar soluções muito menos em ensino especial. É um fator de insatisfação pois sinto que existem lacunas que poderiam ser solucionadas com mais formação. (E4)</p> <p>-Sinto-me bem, trabalho aqui à quase 1 ano e este foi dos melhores sítios onde trabalhei até aqui. (E5)</p>
--	--	---	---

			<p>-Nesta instituição, estou cá há pouco tempo mas tem corrido tudo bem, noto que as colegas são muito simpáticas, o grupo de crianças é bom. A única coisa em que me sinto insatisfeita é mesmo por os anos de serviço em creche não contarem para tempo de trabalho. (E6)</p> <p>-Não, porque não tenho formação suficiente para certos casos que aparecem na creche, crianças que têm problemas e como não tenho formação tenho um bocado de dificuldade em resolver essas situações. (E7)</p> <p>-Atualmente é zero. Estou a trabalhar numa sala com 25 crianças, 16 das quais são meninos e 8 meninas, tenho 3 crianças de intervenção precoce, tenho uma educadora de apoio que vem uma manhã por semana, ou seja, é nada, e sinto muita falta de apoio a nível de organização da sala, na gestão do grupo, gestão do tempo, não consigo tirar as minhas horas não letivas. Tem sido muito complicado por isso e acabamos por não fazer uma coisa que é trabalhar com as crianças, conseguir trabalhar com essas 3 crianças que têm dificuldades e não consigo organizar o meu tempo para fazer atividades, para PDI'S, para projetos, avaliações, etc. (E8)</p> <p>-Atualmente, quando estou no âmbito de creche não me sinto satisfeita, nós acabamos por ter que desempenhar enúmeras tarefas, ou seja, como todas nós sabemos em contexto de creche nós temos que nos debruçar muito sobre a higiene pessoal de cada criança, mudar a fralda, a alimentação, que é importante para manter uma relação e um afeto com esta criança, mas por vezes</p>
--	--	--	--

			<p>devido ao nº de pessoas que eu acho que não é suficiente por sala, acabamos por não conseguir ter um olhar mais atento a outras situações, como por exemplo o desenvolvimento da criança se está no padrão, certos fatores ambientais, certos pormenores que por vezes nos podem dar um alerta que esta criança pode estar em risco ou pode não estar a ser estimulada em casa pelo contexto familiar e devido a não termos tanto pessoal na sala e desenvolvermos a atividade de uma forma muito acelerada, poderão passar-nos ao lado todas essas questões. (E9)</p> <p>-Atualmente acho que estamos muito desamparadas, há muito pouca informação que nos chegue, temos que procurar por nós próprias junto das instituições que dão apoio aqui no concelho, por exemplo ao nível do Algarve. (E10)</p> <p>-As exigências são cada vez mais. A minha exigência principal e que eu me questiono e sinto angustiada é enquanto educadora não conseguir corresponder totalmente àquele grupo, àquelas crianças e a cada uma em particular, pelas contingências do grupo, pelas contingências da instituição, das horas de trabalho, das pessoas que temos na sala e essa insatisfação é quando eu me questiono “eu hoje estive bem, fiz bem, tive a paciência toda para atender a todos”. Não sei se respondo à pergunta, mas a minha questão como educadora que é realmente... e apesar de ter 28 anos de serviço e de ter 52 anos de idade, eu continuo a dizer que gosto da minha profissão e que vale a pena e retenho, mas é realmente quando olho para os rostos, para eles, às vezes já nem</p>
--	--	--	---

			<p>os posso ver na frente com todas as contingências, mas é quando no fim do dia me lembro disto e os chamo de meus, o meu isto e o meu aquilo, e o que ele faz e é aí que reside a satisfação, porque a nível institucional, da força e das condições e depois do feedback dos pais que alguns são complicados mas muitos quando se acaba um ano, e agora não falando da creche mas falando do jardim-de-infância quando se termina um ciclo com um grupo de crianças que acompanhámos desde o 1 ou 2 anos de idade e as coisas que os pais nos dizem e o que fica daquele relacionamento, e quando se chora, é gratificante, é o que vale a pena, com todas as contingências do que é ter os filhos dos outros nas mãos e as relações com as pessoas que não são fáceis. (E11)</p> <p>-É uma profissão em que temos que estar sempre bem-dispostas, porque isso passa para a criança e vê-se no dia em que estamos mais agitadas as crianças também ficam mais agitadas, o nosso bem-estar é o bem-estar das crianças e isso influencia a crianças e nós também nos sentimos melhor e mais satisfeitas quando estamos mais descontraídas mais à vontade. No contexto da instituição sinto-me muito satisfeita a todos os níveis. (E12)</p>
<p>Bloco D</p>	<p>Conhecer a opinião da entrevista sobre o contexto educativo</p>	<p>-Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala?</p>	<p>-16. (E1) -14 crianças. (E2) -16. (E3) -20. (E4) -10. (E5) -12. (6) -12 crianças. (E7) - 25. (E8) -17 efetivas e 2 a aguardar em</p>

<p>Recolha de informação da qualidade da creche e dos seus contextos</p>		<p>-Concorda com o número de crianças? Porquê?</p>	<p>berçário. (E10)</p> <p>-16 crianças. (E11)</p> <p>-10 crianças. (E12)</p> <p>-Atendendo ao espaço, não concordo. Devia ser em nº mais reduzido, visto que estas crianças precisam de mais atenção de mais cuidado. De forma a que nós tenhamos também uma capacidade de resposta maior para esse número de crianças, pois por vezes não temos aquela atenção individual que é necessária. (E1)</p> <p>-Sim, é um número satisfatório. (E2)</p> <p>-Sim. Para esta sala concordo, está de acordo com a capacidade da sala. (E3)</p> <p>-Não, são muitas crianças para uma sala pequena, poucos adultos e não nos é possível atender a todas as necessidades. (E4)</p> <p>-Sim, porque é um número adequado à sala e a sala tem umas dimensões adequadas para o bem-estar das crianças e há um cantinho para as atividades, da brincadeira, dos jogos, a cozinha, e está tudo ali nas proporções adequadas. (E5)</p> <p>- Concordo, porque apesar de serem crianças com 2/3 anos é o número ideal para poder trabalhar com elas, quanto mais crianças mais confusão se gere para poder trabalhar com elas. (E6)</p> <p>-Não, são muitas crianças para a sala de creche eu estou no berçário, são muitas crianças para as pessoas que estão lá e não estamos habilitadas para certas crianças. (E7)</p> <p>-Não, porque existem 2 crianças, a</p>
---	--	---	---

			<p>3ª está em terapia da fala, mas tenho 2 crianças que estão na intervenção precoce, a receber o apoio da colega dos apoios educativos e essas 2 crianças, cada uma delas, valem quase por 5, por isso se houvesse a avaliação da sala seria ótimo. (E8)</p> <p>-Ao longo de todo este tempo, de há 6 anos para cá tem havido alguma redução a nível de creche, ou seja, já estive numa sala de 1 ano em que tínhamos 22 crianças e houve uma redução, no entanto, a meu ver o ideal seria um nº de crianças muito menor. Penso que o nº de crianças devia ser menor, para que nós conseguíssemos dar resposta às necessidades que são exigidas nessa idade. (E9)</p> <p>-Não. Porque de momento tenho uma criança com uma doença rara e está a ser referenciada à CIF, com carácter permanente e o nº de bebés é muito elevado para dar assistência a todas as crianças. Não tenho redução do nº de crianças, porque só com duas crianças referenciadas é que há redução. (E10)</p> <p>-Não, porque além do espaço físico ser diminuto, acima de 12/13 com a idade de 1 ano, e quando digo a idade de 1 ano há crianças que ainda vão fazer 1 ano, portanto tenho bebés misturados, tenho uma criança que faz 1 ano em dezembro, devia estar no berçário e está colocada numa sala de 1 ano com crianças que já têm 15/16/17 meses, crianças que em fevereiro do próximo ano, daqui a 2/3 meses fazem 2 anos, têm um desenvolvimento motor que já correm, saltam, têm umas necessidades a nível psicomotor e o resto, e os outros ainda são bebés que ainda estão sentados, uns estão a começar a adquirir a</p>
--	--	--	--

		<p>-Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?</p>	<p>marcha agora, há um que não se conseguia sentar está agora a conseguir ficar sentado. Portanto, 16 crianças e com este leque, não se entende de forma alguma o desenvolvimento e o bem-estar individual de cada criança, é armazém para ficar ali e a pessoa passa o dia a ver, não faças isto, não faças aquilo, não faças mal ao bebé, coitados e eles fazem, os mais velhos fazem, não faças isto se bateu, se atirou uma coisa, se tropeçou, se na sua deslocação normal passa por cima dos outros, porque eles têm que estar no mesmo espaço, porque eu não tenho pessoas para poder afastar com o grupo dos mais velhos, até retirá-los para outro lado da sala, do refeitório, porque temos que estar todas ali. (E11)</p> <p>-Sim, neste momento parece que é fácil gerir esse nº de crianças, também nunca trabalhei com menos de 10. (E12)</p> <p>-3 adultos, 2 educadoras e 1 auxiliar. (E1)</p> <p>-3. (E2)</p> <p>-2 auxiliares e 1 educadora. (E3)</p> <p>-1 educadora 2 auxiliares. (E4)</p> <p>-1 educadora e 1 auxiliar.(E5)</p> <p>- Eu e 1 auxiliar. (E6)</p> <p>-3 adultos. (E7)</p> <p>-2 adultos. (E8)</p> <p>-3 adultos. (E9)</p> <p>-3 em permanência e 1 pontualmente. (E10)</p>
--	--	---	--

		<p>-Concorda com o número de adultos? Porquê?</p>	<p>-3 pessoas. (E11)</p> <p>-2 adultos. (E12).</p> <p>-Não, devia haver pelo menos mais 1 elemento. (E1)</p> <p>-Sim, é suficiente. (E2)</p> <p>-Sim. Está de acordo o número de adulto para o número de crianças. (E3)</p> <p>-Concordo que devia haver mais 1 adulto pelo menos nos horários mais críticos. Porque não é fácil nós conseguirmos atender tantas crianças em momentos críticos, darmos resposta a todos e dar a atenção que cada um necessita principalmente se houver uma criança que precise de mais atenção do que outra. (E4)</p> <p>-Sim, é suficiente para 10 crianças. (E5)</p> <p>-Já estive noutros sítios onde havia mais uma auxiliar praticamente para o mesmo número de crianças, é complicado porque se por algum motivo a educadora tiver que se ausentar da sala, a auxiliar terá que ficar sozinha ou como apoio de outra pessoa que se calhar não conhece tão bem o grupo. Por isso não concordo. (E6)</p> <p>-Não, quando 1 falta há sempre dificuldade em ir outro adulto para a sala e para 12 crianças é muito difícil só com 2 pessoas. (E7)</p> <p>-Não. Porque são poucos, 2 adultos para 25 crianças com 2 dos quais em intervenção precoce é muito pouco. (E8)</p> <p>-Atualmente não, porque penso, essencialmente na sala de 1 ano, que não é o nº de pessoal suficiente para dar resposta às</p>
--	--	--	--

		<p>-Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?</p>	<p>necessidades das crianças. A meu ver deveriam estar 4 pessoas por sala. (E9)</p> <p>-Não. Porque deviam ser talvez 4 em permanência. (E10)</p> <p>-Não, quando as pessoas podem lá estar as 3 pode-se dizer que é suficiente, o pior é que as pessoas não conseguem, precisava de mais 1 pessoa para poder ter sempre 2 pessoas. (E11)</p> <p>-No início, na adaptação é muito difícil serem só 2 pessoas na sala precisamos sempre de mais uma colega que já está na sala, as crianças já estão adaptadas, é complicado no início não conhecemos e também não nos conhecem, e os pais é um bocadinho complicado, mas nesta instituição temos ajuda no início do ano letivo. (E12)</p> <p>-Não, o espaço deveria ser maior, mais amplo. As janelas são demasiado altas, as crianças não têm visibilidade para o exterior. Faz falta um espaço onde possam correr, onde se possam movimentar com mais facilidade. A nível de infraestruturas, caso exista uma criança com dificuldades de locomoção e se desloque em cadeira de rodas nós temos acessibilidades para isso. (E1)</p> <p>-A sala dos 2 anos é um espaço adequado, as crianças circulam à vontade, sem atropelos. (E2)</p> <p>-Sim, a sala é ampla para o número de crianças. (E3)</p> <p>-Sim. (E5)</p> <p>-Penso que sim, porque considerando o número de</p>
--	--	--	--

		<p>-Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?</p>	<p>crianças, o espaço não precisa de ser muito grande, tem as proporções adequadas. (E6)</p> <p>-Não, o espaço é pequeno, está muito reduzido e as crianças não têm por onde se movimentar para gatinhar, para andar, não conseguem no espaço que temos. (E7)</p> <p>-Não. Em primeiro lugar, não falo concretamente ao espaço de área da sala (agora estou a falar na sala de 1 ano), mas sim aos materiais que lá temos e ao mobiliário, que devia ser mais renovado mais estimulante e o refeitório e tudo o mais. Agora falando do berçário da nossa instituição, ai sim não concordo plenamente com o espaço, quer a nível de área e tudo mais. (E9)</p> <p>-Sim. (E10)</p> <p>-Não, porque em termos de área é pequeno. (E11)</p> <p>-Não na totalidade. A nível de pessoal docente sim, mas a nível de infraestruturas e de formação das auxiliares, não. (E1)</p> <p>-Sim. Como já referi, da minha parte e das minhas colegas nós temos formação e capacitação de detetar este tipo de crianças. A nível de auxiliares têm a sensibilização para este tipo de situação. (E2)</p> <p>-Neste momento, nós conseguimos detetar grande parte das dificuldades de algumas crianças, tudo o que aprendi e com a minha experiência, verifico e consigo detetar se há alguma lacuna e depois com a minha prática detetamos e tento fazer o caso progredir e avançar o caso. (E3)</p>
--	--	--	---

			<p>-Neste momento não, pela questão do número de crianças e de adultos. O espaço em si, por vezes deparamo-nos com dificuldade em sentar todo o grupo e inclusive havendo observações de “porque é que há uma ou duas crianças fora do grupo, está de castigo?” e a educadora tem que explicar que o espaço é que não é suficiente para coloca-los todos juntos. (E4)</p> <p>-Aqui sim, mas há pessoas com mais experiência do que eu, a educadora ... se calhar deteta mais facilmente que tem mais experiência do que eu, por exemplo. (E5)</p> <p>-Penso que não, talvez por aquilo que eu disse, as pessoas não têm muita consciência do que pode ser feito para encaminhar essas crianças. Essas pessoas são educadoras, auxiliares, todas as pessoas que trabalham diretamente com essas crianças. (E6)</p> <p>-Não, porque não há serviço de qualidade não temos nem experiência, nem formação, nem material suficiente e adequado para a creche. (E7)</p> <p>-Não, porque as colegas não têm formação nessa área e não têm o espaço, não têm material e o nº de crianças também é elevado na creche. (E8)</p> <p>-É uma questão muito difícil de responder, porque estão implícitos determinados fatores, quer do espaço os materiais didáticos ao nosso dispor, quer a nível de pessoal disponível por sala, mas existe quanto a mim um outro fator que eu acho que é muito, muito importante, embora nós digamos que não se consegue fazer uma omelete sem ovos e não</p>
--	--	--	---

			<p>é possível, mas também se numa determinada sala estiver uma educadora que saiba estimular as crianças, que se preocupe com o bem-estar delas, que esteja atenta a possíveis desvios que poderão existir numa determinada criança, numa determinada área a nível do desenvolvimento, alguns fatores ambientais que nós possamos detetar que são familiares que não estejam bem, aí poderei dizer que poderá ser um serviço de qualidade até que ponto, porque quanto a mim não é ter um espaço ideal a nível de área, a nível de materiais e a nível de pessoal que vai fazer com que esse serviço de qualidade possa acontecer, ou seja, já trabalhei numa instituição na qual o espaço era do mais moderno possível, tinha todas as condições, tinha imensas pessoas em cada sala, no entanto, não vi lá um serviço de qualidade prestado pelas educadores, porque para elas a creche era o afeto, o mudar as fraldas, a higiene e a alimentação e não passava mais de tudo isto. Quando fala no serviço de qualidade de creche, quanto a mim eu não posso valorizar só pelo espaço, pelo nº de pessoas e pelos bonequinhos bonitos que vemos na parede. Depende muito de cada colega, depende da estimulação que se dá, depende do olhar atento que temos para essa criança, depende dos laços afetivos que conseguimos manter com ela e da relação familiar e do nº de crianças por sala para podermos prestar todo este tipo de cuidados. (E9)</p> <p>-Nós tentamos ter qualidade de serviço, ao termos indicação conseguimos transpor algumas barreiras, ver as barreiras e tudo o mais que temos em relação a cada criança e as necessidades de cada criança. Podemos ter, mas que também poderia haver melhores</p>
--	--	--	---

			<p>condições isso poderia. (E10)</p> <p>-Apesar de tudo é, pela nossa experiência e porque tentamos com as condições que temos fazer o máximo e estar atenta ao máximo de situações para além dos cuidados de mudar fraldas e tratar, é importante mas vai para além disso, e esses próprios cuidados às vezes não são feitos com a calma, porque se temos 16 crianças para dar o almoço e a seguir mudar as fraldas e lavar, eles não têm todos tempo para comer com a calma que desejariam, para levar com cada um o tempo que desejaria, são horas de aperto em que o que interessa é despachar. Só nessas horas das rotinas, das refeições, do mudar das fraldas, que se tivesse menos crianças, se tivesse mais condições, não tivesse espaço de tempo em que está uma pessoa só está a mudar a fralda e os outros..., a pessoa até demorava mais tempo nesses momentos e interagia, e a pessoa está ali toca a despachar para eles estarem o mais rapidamente possível em situações, porque também essas são situações de risco, em que uns estão a mudar as fraldas outros andam por cima, e a pessoa é a despachar o mais rapidamente possível para que eles estejam lavadinhos, porque quando já estão ali a situação já está controlada, pelas situações de risco também que ocorrem, os acidentes que muitas vezes ocorrem nestas situações assim. (E11)</p> <p>- De qualidade não sei, mas que detete sim. Qualidade porque nós não tivemos a formação que devíamos ter e a esse nível não me sinto preparada para poder dizer “esta criança não tem o seu desenvolvimento normal para a</p>
--	--	--	--

<p>Bloco E</p> <p>Recolha de informação sobre fatores facilitadores ou inibidores de criança para o SNIPI</p>	<p>Conhecer a opinião da entrevistada sobre fatores facilitadores ou inibidores de crianças elegíveis para o SNIPI</p>	<p>-Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?</p> <p>-Quais os requisitos para essa sinalização?</p>	<p>idade que tem”. (E12)</p> <p>-Sim, com a minha experiência e com o complemento que fiz que me deu equivalência à Licenciatura em crianças com NEE penso que me sinto com essa capacidade. (E1)</p> <p>-Sim. (E2)</p> <p>-Sim. (E3)</p> <p>-Como educadora sim, a experiência tem-me ajudado, é valiosa. (E4)</p> <p>-Não sei, talvez não, talvez passado um tempo eu comece a notar algumas coisas, mas logo a priori não. (E5)</p> <p>-Penso que não. (E6)</p> <p>-Não. (E7)</p> <p>-Em relação à intervenção precoce não tenho, só se for algo que seja perceptível a olho vivo. (E8)</p> <p>-Não sei. Talvez sim, talvez não. (E9)</p> <p>-Sim. (10)</p> <p>-Sim. (11)</p> <p>-Sim, fazendo as comparações. (E12)</p> <p>-Tudo o que tem a ver com o que foi adquirido e aprendido na formação inicial e na licenciatura que foi direcionada para este tema, portanto tenho algumas capacitações para detetar estas situações. (E2)</p> <p>-Primeiro, na formação tivemos algumas luzes sobre isso e depois porque a experiência, tão importante como a formação inicial nos permite detetar e atuar nessa área. (E3)</p> <p>-Verificar as ações das crianças que deem alguma pista sobre o</p>
---	--	--	---

			<p>que é que está errado. (E5)</p> <p>-Não sei. (E7)</p> <p>-Para eu conseguir fazer uma sinalização, se for problemas ao nível da fala consigo fazer essa sinalização, se for um problema de uma criança que se isola, que tem movimentos repetitivos também consigo fazer uma sinalização, não consigo dizer o quê mas percebo que alguma coisa não está bem na criança, se for problemas de visão também consigo fazer essa sinalização, se for uma deficiência motora também consigo obviamente fazer essa sinalização. Agora de for a síndrome, não direi de autismo, de aspergem, mas se for assim muito ténue não consigo fazer essa sinalização. Só consigo fazer a sinalização se for visível, se não for não consigo. (E8)</p> <p>-Quando fala em elegibilidade tem a ver não só com o desenvolvimento da criança mas também com tudo o resto, como é que a criança é apresentada diariamente a nível da higiene, a nível do vestuário, a nível da estimulação da relação que existe entre família e criança. Isto está ligado à questão anterior no seguinte aspeto, quando nós temos um nº de pessoal reduzido na sala em que nós temos que receber as crianças de uma forma imediata e temos todo um outro grupo por trás e estamos preocupadas com todo o outro grupo que está por trás e não temos um olhar atento a determinados pormenores que teríamos se tivéssemos mais pessoal. Agora é assim, eu penso que tenho capacidade para tal e tenho detetado algumas situações. Basta nós vermos que uma criança sai com uma roupinha interior hoje e amanhã volta com a mesma e vê-se que essa criança não teve higiene ao nível corporal vários dias e ao falarmos com os pais conseguimos detetar essa falha. (E9)</p> <p>-Tenho conhecimento da CIF e fiz formação ao nível da CIF, entrei num projeto da Dr.^a Tânia Boavida, em que trabalhámos</p>
--	--	--	--

		<p>-Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?</p>	<p>muito ao nível das caracterizações, das competências que cada criança deve ter e os critérios de elegibilidade para serem enquadradas na CIF. (E10)</p> <p>-A experiência que nós temos, o conhecimento que temos, a experiência teórica que temos das coisas, o estarmos alerta para determinados problemas, além da experiência que uma pessoa com 52 anos já tem experiência profissional e de já ter observado muitas crianças em muitos estados de desenvolvimento diferentes, a pessoa consegue perceber que há ali determinada coisa ou pensar que irá aparecer ali algum fator menos bom a nível do desenvolvimento. (E11)</p> <p>-Se a criança não andar, se a criança tiver dificuldade em falar quando tem 2 anos e só apontar, também há qualquer coisa de anormal. (E12)</p> <p>-As barreiras são a nível das infraestruturas, dos materiais e de equipamentos. Outra barreira é quando é sinalizada uma criança com NEE, há dificuldade dos pais aceitarem esse facto. E o número de crianças por sala. Os facilitadores somos nós e as colegas da Intervenção Precoce. (E1)</p> <p>-Barreiras: Muitas vezes o número de crianças por sala, a formação das auxiliares, os pais não são facilitadores, pois são muito reservados e têm dificuldade em expor os seus filhos e em idade de creche, estas crianças, ainda são muito pequenas e estão em processo de desenvolvimento para conseguirmos detetar algumas deficiências, algumas barreiras que elas enfrentam, e certas situações são facilmente alteráveis com estímulos, com o trabalho da educadora e só mais tarde em situação de jardim-de-infância é que se pode determinar que tipo de necessidades específicas é que a criança apresenta. Os facilitadores começam por sermos nós os</p>
--	--	---	--

			<p>educadores de infância, que estamos despertos para o desenvolvimento das crianças, estamos sempre a trabalhar no sentido de desenvolver a criança de acordo com as suas características, a sua idade, estamos sempre a trabalhar os estímulos e somos sempre muito observadores em relação à reciprocidade da criança aos estímulos, se eles acompanham ou não e todo o trabalho que é feito pelo educador nesse sentido. (E2)</p> <p>As barreiras, primeiro de tudo e começando pelo espaço sala, dependendo do número de crianças ou não, podemos detetar mais facilmente ou estar atentos à criança que necessita realmente de algum apoio. Depois temos as auxiliares que no dia-a-dia convivem e podem ter uma referência positiva ou negativa nesse aspeto. A seguir temos os pais que terão que ser normalmente solicitados, ou informados ou questionados sobre alguma anomalia que se possa estar a verificar. Temos ainda o espaço da instituição, se permite ou não essa verificação de deficiências. Temos o material, se é apto ou não. E acho que é por aí. As auxiliares porque normalmente não têm formação específica nem geral adequada para detetarem ou trabalharem connosco e perceberem o trabalho que nós fazemos. É uma das lacunas que nós verificamos é essa formação ou não formação das auxiliares de educação e é por isso que às vezes o nosso trabalho se torna mãos complicado. Os facilitadores primeiro que tudo seremos nós ou por vezes ou raramente alguns pais, mas os facilitadores seremos nós, a nossa equipa de trabalho com a coordenação e muitas vezes os colegas que trabalham connosco, educadoras, que conhecendo e trabalhando em equipa por vezes em reuniões ou mesmo na observação direta os colegas conseguem ajudar a tentar perceber o que se passa com aquela criança. (E3)</p>
--	--	--	--

			<p>-As barreiras são todas as dificuldades que nós encontramos em termos de espaço, de material, os pais também, as auxiliares que também não têm formação adequada, muitas vezes conta-se com a boa vontade de pessoa que não é suficiente, os chefes poderiam facilitar-nos algumas formações. Facilitadores, as educadoras, os outros colegas e provavelmente a partilha de experiência entre colegas que vão nos ajudando a perceber que casos temos, ajudando a resolver algumas situações de forma a não haver mais nada. (E4)</p> <p>-Não encontro barreira. Facilitadores, a Diretora, tenho a certeza que ela é a pessoa indicada para quando haja alguma dúvida, ela ajudam em tudo que seja necessário. (E5)</p> <p>- As barreiras muitas das vezes são os pais, porque os pais não querem aceitar que a criança tem algo, algum atraso no desenvolvimento ou que seja diferente de alguma criança. Porque para eles, os filhos são sempre perfeitos, fazem sempre tudo bem e então não querem ver esse lado, mesmo que seja uma profissional no assunto a transmitir-lhes isso. Outra das barreiras, talvez a falta de documentação, não haver documentação que possamos consultar para saber o que é que temos que fazer, a quem nos devemos dirigir. Para mim são mais barreiras do que facilitadores, não vejo nenhum de momento. (E6)</p> <p>-A experiência, o espaço. O espaço é pequeno, o nº de crianças é grande e não se consegue. Há barreiras e não se consegue, não temos facilidade para sinalizar essas crianças. (E7)</p> <p>-As barreiras são a falta de formação. Os facilitadores para a sinalização da criança, quanto a mim tem a ver com aquilo que é visível, com aquilo que observamos na criança e consegue, numa primeira abordagem, dizer</p>
--	--	--	---

			<p>“esta criança tem aqui qualquer coisa que não está bem” e depois aí perguntar à colega do apoio na intervenção precoce aqui na escola, no jardim-de-infância que faça a devida sinalização, mas fazer uma sinalização e dizer que é isto, isto e isto não consigo. A única facilidade é ser visível. (E8)</p> <p>-As barreiras que eu encontrei foram acima de tudo barreiras burocráticas, ou seja, burocráticas e outra que nos é muito difícil que é um pai aceitar que uma determinada criança é diferente, que apresenta um défice ou outro numa área e que tem que ser trabalhada e aí nós como educadoras temos que ter alguma sensibilidade nesse campo e saber digerir toda esta situação. Quanto a mim as barreiras que eu tenho encontrado são neste campo. A meu ver, nós o (infantário x), temos um facilitador no sentido em que temos cá connosco uma colega da intervenção precoce, que é sempre ela que trabalha connosco e que nos facilita imenso porque quando nós detetamos ou temos dúvidas sobre uma criança que apresenta dificuldades numa determinada área ou que nós vemos que não está dentro do padrão normal da sua faixa etária e que temos algumas dúvidas, como temos cá sempre connosco semanalmente a colega pedimos colaboração nesse sentido e avançamos com o processo o mais rapidamente. (E9)</p> <p>-Os pais poderão ser a principal barreira, quando os pais não aceitam as incapacidades dos filhos, as necessidades, os seus défices, por um lado. Por outro lado, o material que temos para exploração, para trabalhar, para definir. O espaço da sala que às vezes não é o melhor, o mais indicado, não está mais adequado, ligado ao material. E depois o grande nº de crianças que temos por sala e quando há crianças com as tais ditas necessidades educativas especiais. Os facilitadores são a nossa experiência, a nossa prática</p>
--	--	--	--

			<p>pedagógica e se os pais também estiverem mecanismos para isso ou sensibilidade para tal, porque nunca é fácil para um pai aceitar que a sua criança não é tão perfeita como eles desejariam. (E10)</p> <p>-É difícil chegar a um pai e alertar, há pais muito interessados, há pais que até veem e até são ansiosos, que veem que o miúdo não está bem, porque comparam com o outro, porque o sobrinho já dizia isto já dizia aquilo, já fazia determinadas coisas ou comparam com irmãos mais velhos, pais que são muito despertos, até são ansiosos nesse aspeto, outros não. É muito difícil nós percebermos que uma criança tem qualquer coisa mas fazer a abordagem ao pai, dizer que se calhar é melhor ver que se calhar aquilo não está tão bem, é muito difícil, porque as pessoas não conseguem ver, não querem ver e a forma de fazer essa abordagem não é fácil, principalmente quando os pais não estão virados para aí e não aceitam e acontece muitas vezes e quem somos nós para o dizer, e depois também não temos uma equipa por trás que nos apoie, equipa a nível da instituição, uma equipa técnica que nos apoie, porque não é fácil chegar ao pé do pai e dizer, nós não podemos nem devemos catalogar, quem somos nós para isso, existem outros técnicos, mas muitas vezes também nós alertamos e os pais veem a criança de uma forma e nós vemos de outra, vemos outras coisas que eles não conseguem ver, em termos de desenvolvimento e em termos das reações com os outros e às vezes nós alertamos e os pais levam o menino ao pediatra, levam ao médico A, ao médico C, que vê a criança em contexto isolado, essas equipas às vezes também não nos facilitam, e que dizem que aquela senhora que está para lá a dizer aquilo, isso já aconteceu e é uma barreira os pais estarem predispostos a aceitar, porque as pessoas veem logo como uma deficiência, e não tem que ser, ter uma necessidade especial ou ter um fator ambiental.</p>
--	--	--	---

			<p>Não é fácil, toda a gente quer os filhos perfeitos, outro exemplo, e em termos de creche as pessoas acham que tem que ser e eu como educadora também tenho esses cuidados, as pessoas às vezes olham, até mesmo auxiliares e outros pais de fora e dizem “mas aquele menino não é normal, tem alguma coisa”, as pessoas por vezes têm tendência em observar e fazer logo juízos de valor, até as próprias auxiliares às vezes não é por mal mas as pessoas por vezes são pouco cuidadosas a dizer isso e quem somos nós para o dizermos, nem podemos. Claro que eu tenho sempre muito cuidado de se calhar não está tão bem, se calhar há alguma coisa, aquele não responde quando outros respondem nesta e naquela situação. Há pais que aceitam muito bem, há outros que não aceitam de forma alguma, outros aceitam que exista um problema mas então temos que ir ao doutor tal ou a alguém que faça um milagre. Isso também acontece quando depois vêm as equipas de intervenção precoce, como têm uma pessoa já a ajudar, as pessoas acham que é como uma dor de cabeça que toma-se um remédiazinho para passar. As equipas de intervenção precoce são facilitadoras, mas os pais há os que não aceitam e os que aceitam mas esperam que venha dali um milagre, isto a nível destes problemas da intervenção precoce, quando é uma doença as pessoas são muito recetivas a isso, se tem o pé torto é porque precisa de usar botas, esses problemas a nível físico que se vêm as pessoas são muito recetivas, quando a criança é perfeitinha aparentemente e só não responde ao nível do desenvolvimento, não querem ou não conseguem ver e mesmo depois de aceitarem mal estão à espera que aquilo seja como uma doença, uma dor de cabeça ou uma ferida e se há um remédio para aquilo e as pessoas perceberem que têm ali um handicap para a vida é difícil e nós não apontamos, só podemos encaminhar para os técnicos que têm essas</p>
--	--	--	---

		<p>-Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.</p>	<p>competências e depois informar as pessoas mas não é fácil, muitos pais não querem ver e reagem mal. (E11)</p> <p>-A principal barreira são os pais, é difícil aceitar que o seu filho é diferente das outras crianças, é a principal barreira. Depois a outra barreira, eu como não tenho experiência, será a quem é que me devo dirigir, por isso quando há qualquer coisa de anormal eu tento sempre falar com outra colega para procurar outro tipo de opinião e me encaminhar. Se tivesse uma criança que detetasse alguma situação, que apresentasse risco grave de desenvolvimento eu não saberia como fazer o relatório que tem que se mandar, não sei se é para mandar para o centro de saúde, se tenho que perguntar ao médico de família ou ao hospital de Faro que é o que temos mais perto, não sei a quem me dirigir. (E12)</p>
--	--	--	---

Anexo VIII -Transcrições das entrevistas

Transcrições das entrevistas

Entrevista Educadora 1

Qual a sua idade?

R: 45.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura em educação pré-escolar.

Tem formações adicionais?

R: Complemento em crianças com Necessidades Educativas Especiais.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 19 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 6 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: A nível de resposta de creche, penso que caímos um pouco de paraquedas, porque a nossa formação inicial é mais a nível de jardim-de-infância e esquecem-se da vertente de creche. É um bocadinho complicado e quando entramos no 1º ano em creche temos que nos fazer valer da nossa formação, mas também muito de nós e pesquisar muito e da nossa experiência como mães.

- **Formação contínua**

R: Devia haver mais resposta a esse nível, mais formação a nível de creche e mais workshops.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sim, porque já temos esse background da nossa formação inicial e a nossa capacidade de agir e de formar têm tudo a ver com essa formação.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Sim, porque a nossa experiência profissional, a nossa prática, a nossa pesquisa, o nosso dia-a-dia, tudo isso nos permite detetar as crianças para a SNIPI.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional**

R: A nível geral sente-se satisfeita.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 16.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Atendendo ao espaço, não concordo. Devia ser em nº mais reduzido, visto que estas crianças precisam de mais atenção de mais cuidado. De forma a que nós tenhamos também uma capacidade de resposta maior para esse número de crianças, pois por vezes não temos aquela atenção individual que é necessária.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 3 adultos, 2 educadoras e 1 auxiliar.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Não, devia haver pelo menos mais 1 elemento.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Não, o espaço deveria ser maior, mais amplo. As janelas são demasiado altas, as crianças não têm visibilidade para o exterior. Faz falta um espaço onde possam correr, onde se possam movimentar com mais facilidade. A nível de infraestruturas, caso exista uma criança com dificuldades de locomoção e se desloque em cadeira de rodas nós temos acessibilidades para isso.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Não na totalidade. A nível de pessoal docente sim, mas a nível de infraestruturas e de formação das auxiliares, não.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Sim, com a minha experiência e com o complemento que fiz que me deu equivalência à Licenciatura em crianças com NEE penso que me sinto com essa capacidade.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: (Não respondeu)

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: As barreiras são a nível das infraestruturas, dos materiais e de equipamentos. Outra barreira é quando é sinalizada uma criança com NEE, há dificuldade dos pais aceitarem esse facto. E o número de crianças por sala. Os facilitadores somos nós e as colegas da Intervenção Precoce.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Só a nível de hierarquias, que facilitassem um pouco mais tanto o nosso desempenho profissional e como a nível de instalações e infraestruturas.

Entrevista Educadora 2

Qual a sua idade?

R: 45 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura.

Tem formações adicionais?

R: Não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 19 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 9 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: A minha formação inicial foi muito enriquecedora e senti que fiquei muito preparada para exercer a minha profissão.

- **Formação contínua**

R: No entanto nesta altura sinto uma grande lacuna em relação à formação contínua que desejaria ter, mas que não tem sido possível por haver poucas ações de formação.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sem dúvida. Na minha formação inicial tive muito estágio, em creche e em jardim-de-infância.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Sim. Na minha formação inicial, no meu estágio, para além de termos algumas disciplinas já direcionadas para essa realidade, trabalhei com crianças com NEE e nessa altura fiquei com alguma formação sobre alguns despistes que poderíamos fazer em crianças no seu desenvolvimento.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Estou a fazer aquilo de que gosto, consigo transmitir muito do que adquiri na minha formação inicial e tudo o que faço ainda atualmente, faço tendo em conta ainda essa formação e vou tentando inovar, tendo em conta a inovação e tentar atualizar tendo em atenção o desenvolvimento, características das crianças e tudo o que lhes diga respeito.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 14 crianças.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Sim, é um número satisfatório.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 3.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Sim, é suficiente.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: A sala dos 2 anos é um espaço adequado, as crianças circulam à vontade, sem atropelos.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Sim. Como já referi, da minha parte e das minhas colegas nós temos formação e capacitação de detetar este tipo de crianças. A nível de auxiliares não têm a sensibilização para este tipo de situação.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Sim.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Tudo o que tem a ver com o que foi adquirido e aprendido na formação inicial e na licenciatura que foi direcionada para este tema, portanto tenho algumas capacitações para detetar estas situações.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: Barreiras: Muitas vezes o número de crianças por sala, a formação das auxiliares, os pais não são facilitadores, pois são muito reservados e têm dificuldade em expor os seus filhos e em idade de creche, estas crianças, ainda são muito pequenas e estão em processo de desenvolvimento para conseguirmos detetar algumas deficiências, algumas barreiras que elas enfrentam, e certas situações são facilmente alteráveis com estímulos, com o trabalho da educadora e só mais tarde em situação de jardim-de-infância é que se pode determinar que tipo de necessidades específicas é que a criança apresenta.

Os facilitadores começam por sermos nós os educadores de infância, que estamos despertos para o desenvolvimento das crianças, estamos sempre a trabalhar no sentido de desenvolver a criança de acordo com as suas características, a sua idade, estamos sempre a trabalhar os estímulos e somos sempre muito observadores em relação à reciprocidade da criança aos estímulos, se eles acompanham ou não e todo o trabalho que é feito pelo educador nesse sentido.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Os pais deverão estar sempre mais atentos ao desenvolvimento dos filhos, pensa-se que por eles serem muito pequenos e estarem a crescer, não devemos dar muita importância ao facto da criança não corresponder a determinados estímulos quanto à idade que apresentam, claro que cada criança tem o seu ritmo mas não podemos ficar eternamente à espera que a criança venha a apresentar determinadas capacidades que ainda não tem, se não adquire na idade correspondente, se não adquire com determinados estímulos que são feitos e os pais não correspondem às solicitações dos educadores para uma possível consulta com os filhos no sentido de verificar o desenvolvimento dos seus filhos, isto torna-se uma barreira muito grande ao trabalho do educador.

Entrevista Educadora 3

Qual a sua idade?

R: 44 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura.

Tem formações adicionais?

R: Não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 14 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 7 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: A minha formação inicial direcionou-se na minha prática como educadora de infância, acho que tiveram muita influência para o que hoje sou como educadora. Fiz estágios em creche na minha formação inicial.

- **Formação contínua.**

R: A formação contínua, depois da formação inicial, da experiência e da experiência ao longo dos anos, pois nós vamos verificando e depois de termos experiência vamos aplicando as melhores técnicas, que dão mais resultado na creche. A formação contínua é a experiência.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sem dúvida. A formação inicial teve muita influência na creche, como estagiei na creche e foi a partir daí que tomei muito gosto em estagiar na creche, porque é uma idade que me cativou com muitas experiências e atividades que gostei muito de realizar.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Sim. Porque hoje em dia e cada vez mais no dia-a-dia contactamos e verificamos que cada vez mais há crianças com necessidades, apesar de serem diferentes umas das outras, precisando de intervenção e sim, sinto-me através da experiência e formação inicial capaz disso.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: É verdade que a nossa prática, o nosso trabalho nos absorve imenso, muitas horas, muita dedicação mas para além disso sinto a necessidade de vez em quando fazer mais formação, contactar com outras colegas pormo-nos a par de certos e determinados assuntos que estão sempre a ser abordados nomeadamente em relação ao ensino especial.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 16.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Sim. Para esta sala concordo, está de acordo com a capacidade da sala.

Solicitar às entrevistadas que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 2 auxiliares e 1 educadora.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Sim. Está de acordo o número de adulto para o número de crianças.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Sim, a sala é ampla para o número de crianças.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Neste momento, nós conseguimos detetar grande parte das dificuldades de algumas crianças, tudo o que aprendi e com a minha experiência, verifico e consigo detetar se há alguma lacuna e depois com a minha prática detetamos e tento fazer o caso progredir e avançar o caso.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Sim.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Primeiro, na formação tivemos algumas luzes sobre isso e depois porque a experiência, tão importante como a formação inicial nos permite detetar e atuar nessa área.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: As barreiras, primeiro de tudo e começando pelo espaço sala, dependendo do número de crianças ou não, podemos detetar mais facilmente ou estar atentos à criança que necessita realmente de algum apoio. Depois temos as auxiliares que no dia-a-dia convivem e podem ter uma referência positiva ou negativa nesse aspeto. A seguir temos os pais que terão que ser normalmente solicitados, ou informados ou questionados sobre alguma anomalia que se possa estar a verificar. Temos ainda o espaço da instituição, se permite ou não essa verificação de deficiências. Temos o material, se é apto ou não. E acho que é por aí. As auxiliares porque normalmente não têm formação específica nem geral adequada para detetarem ou trabalharem connosco e perceberem o trabalho que nós fazemos. É uma das lacunas que nós verificamos é essa formação ou não formação das auxiliares de educação e é por isso que às vezes o nosso trabalho se torna mãos complicado. Os facilitadores primeiro que tudo seremos nós ou por vezes ou raramente alguns pais, mas os facilitadores seremos nós, a nossa equipa de trabalho com a coordenação e muitas vezes os colegas que trabalham connosco, educadoras, que conhecendo e trabalhando em equipa por vezes em reuniões ou mesmo na observação direta os colegas conseguem ajudar a tentar perceber o que se passa com aquela criança.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Relativamente à creche que é uma das áreas que a mim me fascina, porque é a primeira idade da infância, porque tive uma boa experiência na formação inicial, por muitas razões é a idade com que eu mais gosto de trabalhar e é a minha base e se nós permitirmos uma base de desenvolvimento logo de partida, a criança terá um bom desenvolvimento porque a creche não é, como muita gente pensa, um depósito ou um armário ou algo onde se ponha lá a criança e ela fique ali simplesmente à espera que os pais a venham buscar, sem haver incentivos nem nada disso. É a base e se houver uma boa creche com trabalho surtirá bons resultados.

Entrevista Educadora 4

Qual a sua idade?

R: 44 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura

Tem formações adicionais?

R: Não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 15 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 4 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: Na formação inicial não me senti tão preparada para trabalhar em creche.

- **Formação contínua**

R: Na formação contínua, fui adquirindo conhecimentos que me foram permitindo ser mais competente e detetando mais problemas. Atualmente sinto que a formação inicial não foi suficiente para me dar bases para o meu trabalho.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sim, porque na formação inicial não tive qualquer experiência em creche. Fiz estágios só em jardim-de-infância e em creche não tive essa experiência, nem tive disciplinas que me preparassem para a creche.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Sim. Porque com a formação contínua fui adquirindo conhecimentos que me permitissem encontrar questões, a experiência permitiu-me detetar situações.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: No dia-a-dia nós não temos ações de formação que nos ajudem a encontrar soluções muito menos em ensino especial. É um fator de insatisfação pois sinto que existem lacunas que poderiam ser solucionadas com mais formação.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 20.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Não, são muitas crianças para uma sala pequena, poucos adultos e não nos é possível atender a todas as necessidades.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 1 educadora 2 auxiliares.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Concordo que devia haver mais 1 adulto pelo menos nos horários mais críticos. Porque não é fácil nós conseguirmos atender tantas crianças em momentos críticos, darmos resposta a todos e dar a atenção que cada um necessita principalmente se houver uma criança que precise de mais atenção do que outra.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: (Não respondeu)

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Neste momento não, pela questão do número de crianças e de adultos. O espaço em si, por vezes deparamo-nos com dificuldade em sentar todo o grupo e inclusive havendo observações de “porque é que há uma ou duas crianças fora do grupo, está de castigo?” e a educadora tem que explicar que o espaço é que não é suficiente para coloca-los todos juntos.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Como educadora sim, a experiência tem-me ajudado, é valiosa.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: (Não respondeu)

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: As barreiras são todas as dificuldades que nós encontramos em termos de espaço, de material, os pais também, as auxiliares que também não têm formação adequada, muitas vezes conta-se com a boa vontade de pessoa que não é suficiente, os chefes poderiam facilitar-nos algumas formações. Facilitadores as educadoras, os outros colegas e provavelmente a partilha de experiência entre colegas que vai-nos ajudando a perceber que casos temos, ajudando a resolver algumas situações de forma a não haver mais nada.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Não.

Entrevista Educadora 5

Qual a sua idade?

R: 35.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura.

Tem formações adicionais?

R: Não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 4 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 4 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: No início foi muito complicado porque os estágios eram muito diferentes da realidade de trabalho, quando iniciamos um trabalho numa sala que estamos por nossa conta, tornou-se com alguma dificuldade esse processo. Deve-se à falta de experiência e a realidade de trabalho é muito diferente do estágio.

- **Formação contínua.**

R: Quanto à formação contínua, sinto-me melhor. Acho que cresci muito, na parte de educadora e em tudo. No geral, sinto-me mais otimista, mesmo com as crianças já não tenho aqueles receios que tinha antigamente e também em termos de trabalho de sala, projetos e tudo mais, não tem nada a ver com o início.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Não, porque não estava ligada à creche só com crianças maiores, à volta dos 5 anos, que não têm nada a ver com a creche.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Não, penso que não. Porque não tenho formação para tal, teria que ter algumas bases para conseguir trabalhar com crianças assim.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Sinto-me bem, trabalho aqui à quase 1 ano e este foi dos melhores sítios onde trabalhei até aqui.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 10.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Sim, porque é um número adequado à sala e a sala tem umas dimensões adequadas para o bem-estar das crianças e há um cantinho para as atividades, da brincadeira, dos jogos, a cozinha, e está tudo ali nas proporções adequadas.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 1 educadora e 1 auxiliar.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: sim, é suficiente para 10 crianças.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Sim.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Aqui sim, mas há pessoas com mais experiência do que eu, a educadora ... se calhar deteta mais facilmente que tem mais experiência do que eu, por exemplo.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Não sei, talvez não, talvez passado um tempo eu comece a notar algumas coisas, mas logo a priori não.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Verificar as ações das crianças que deem alguma pista sobre o que é que está errado.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: Não encontro barreiras. Facilitadores: A Diretora, tenho a certeza que ela é a pessoa indicada para quando haja alguma dúvida, ela ajuda em tudo que seja necessário.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Não tenho assim nada relacionado com a creche.

Entrevista Educadora 6

Qual a sua idade?

R: 24 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura.

Tem formações adicionais?

R: De momento estou a tirar uma formação de formadores, para poder dar formação.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: Praticamente 4 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: O mesmo tempo.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: A formação inicial podia conter mais em ensino de creche, porque o curso é praticamente todo sobre jardim-de-infância e não temos formação nenhuma nessa parte, então acho que nesse aspeto é um bocado pobre.

- **Formação contínua.**

R: À formação contínua, como estive os 4 anos em creche, claro que já sei um bocado mais sobre essa área por assim dizer.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Algumas, mas a maior parte não.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Não, porque no curso não temos formação para isso.

Pedir à entrevistada que refiram as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Nesta instituição, estou cá há pouco tempo mas tem corrido tudo bem, noto que as colegas são muito simpáticas, o grupo de crianças é bom. A única coisa em que me sinto insatisfeita é mesmo por os anos de serviço em creche não contarem para tempo de trabalho.

Solicitar às entrevistadas que mencionem o número de crianças que frequentam a sala.

R: 12.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Concordo, porque apesar de serem crianças com 2/3 anos é o número ideal para poder trabalhar com elas, quanto mais crianças mais confusão se gere para poder trabalhar com elas.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: Eu e 1 auxiliar.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Já estive noutros sítios onde havia mais uma auxiliar praticamente para o mesmo número de crianças, é complicado porque se por algum motivo a educadora tiver que se ausentar da sala, a auxiliar terá que ficar sozinha ou como apoio de outra pessoa que se calhar não conhece tão bem o grupo. Por isso não concordo.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Penso que sim, porque considerando o número de crianças, o espaço não precisa de ser muito grande, tem as proporções adequadas.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Penso que não, talvez por aquilo que eu disse, as pessoas não têm muita consciência do que pode ser feito para encaminhar essas crianças. Essas pessoas são educadoras, auxiliares, todas as pessoas que trabalham diretamente com essas crianças.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Penso que não.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: (Não respondeu)

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: As barreiras muitas das vezes são os pais, porque os pais não querem aceitar que a criança tem algo, algum atraso no desenvolvimento ou que seja diferente de alguma criança. Porque para eles, os filhos são sempre perfeitos, fazem sempre tudo bem e então não querem ver esse lado, mesmo que seja uma profissional no assunto a transmitir-lhes isso. Outra das barreiras, talvez a falta de documentação, não haver documentação que possamos consultar para saber o que é que temos que fazer, a quem nos devemos dirigir. Para mim são mais barreiras do que facilitadores, não vejo nenhum de momento.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R:Não.

Entrevista Educadora 7

Qual a sua idade?

R: 61.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Bacharelato.

Tem formações adicionais?

R: Não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 25 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 5 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: (Não respondeu)

- **Formação contínua.**

R: (Não respondeu)

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sim. Não tive formação de creche. Com a experiência dos anos que tenho estado na creche.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Não. Porque nunca tive formação contínua.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Não, porque não tenho formação suficiente para certos casos que aparecem na creche, crianças que têm problemas e como não tenho formação tenho um bocado de dificuldade em resolver essas situações.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 12 crianças.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Não, são muitas crianças para a sala de creche eu estou no berçário, são muitas crianças para as pessoas que estão lá e não estamos habilitadas para certas crianças.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 3 adultos.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Não, quando 1 falta há sempre dificuldade em ir outro adulto para a sala e para 12 crianças é muito difícil só com 2 pessoas.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Não, o espaço é pequeno, está muito reduzido e as crianças não têm por onde se movimentar para gatinhar, para andar, não conseguem no espaço que temos.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Não, porque não há serviço de qualidade não temos nem experiência, nem formação, nem material suficiente e adequado para a creche.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Não.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Não sei.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: A experiência, o espaço. O espaço é pequeno, o nº de crianças é grande e não se consegue. Há barreiras e não se consegue, não temos facilidade para sinalizar essas crianças.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Não conseguimos responder por falta de espaço, de pessoal, principalmente especializado para essas crianças que são sinalizadas e não conseguimos dar a resposta.

Educadora 8

Qual a sua idade?

R: 36 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura em educação de infância.

Tem formações adicionais?

R: Não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 10 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 6 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: (Não respondeu)

- **Formação continua.**

R: (Não respondeu)

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sim, são. Porque a nível da creche é mais perceptível as coisas teóricas que estudámos na nossa formação inicial, mas a nível prático algumas coisas falham. Por exemplo, uma muda da fralda, não é a nossa competência para o fazer mas é o que acontece nas creches as educadoras mudam fraldinhas. A muda da fralda, se calhar também tem a ver com puericultura, as colegas que ainda não foram mães na creche existe ali algum défice a esse nível. Em relação à formação continua, não.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Muito honestamente, não. Porque se for uma deficiência que seja visível, algo que não está bem ao nível de audição, de falta de visão, ao nível da fala, que seja perceptível que a criança não fala bem, se houver movimentos que não sejam ditos normais eu considero que consigo fazer essa deteção, caso contrário não.

Pedir à entrevistada que refiram as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Atualmente é zero. Estou a trabalhar numa sala com 25 crianças, 16 das quais são meninos e 8 meninas, tenho 3 crianças de intervenção precoce, tenho uma educadora de apoio que vem uma manhã por semana, ou seja, é nada, e sinto muita falta de apoio a nível de organização da sala, na gestão do grupo, gestão do tempo, não consigo tirar as minhas horas não letivas. Tem sido muito complicado por isso e acabamos por não fazer uma coisa que é trabalhar com as crianças, conseguir trabalhar com essas 3 crianças que têm dificuldades e não consigo organizar o meu tempo para fazer atividades, para PDI's, para projetos, avaliações, etc.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 25.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Não, porque existem 2 crianças, a 3ª está em terapia da fala, mas tenho 2 crianças que estão na intervenção precoce, a receber o apoio da colega dos apoios educativos e essas 2 crianças, cada uma delas, valem quase por 5, por isso se houvesse a avaliação da sala seria ótimo.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 2 adultos.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Não. Porque são poucos, 2 adultos para 25 crianças com 2 dos quais em intervenção precoce é muito pouco.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: (Não respondeu)

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Não, porque as colegas não têm formação nessa área e não têm o espaço, não têm material e o nº de crianças também é elevado na creche.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Em relação à intervenção precoce não tenho, só se for algo que seja perceptível a olho vivo.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Para eu conseguir fazer uma sinalização, se for problemas ao nível da fala consigo fazer essa sinalização, se for um problema de uma criança que se isola, que tem movimentos repetitivos também consigo fazer uma sinalização, não consigo dizer o quê mas percebo que alguma coisa não está bem na criança, se for problemas de visão também consigo fazer essa sinalização, se for uma deficiência motora também consigo obviamente fazer essa sinalização. Agora de for a síndrome, não direi de autismo, de aspergem, mas se for assim muito ténue não consigo fazer essa sinalização. Só consigo fazer a sinalização se for visível, se não for não consigo.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: As barreiras são a falta de formação. Os facilitadores para a sinalização da criança, quanto a mim tem a ver com aquilo que é visível, com aquilo que observamos na criança e consegue, numa primeira abordagem, dizer “esta criança tem aqui qualquer coisa que não está bem” e depois aí perguntar à colega do apoio na intervenção precoce aqui na escola, no jardim-de-infância que faça a devida sinalização, mas fazer uma sinalização e dizer que é isto, isto e isto não consigo. A única facilidade é ser visível.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Sim, gostava que o estado desse mais oportunidades às colegas que estão na intervenção precoce que fossem mais valorizadas e que houvesse mais educadores em intervenção precoce para se conseguir fazer um trabalho contínuo nas salas e que seja um trabalho que se diga consistente, porque uma manhã com uma colega que vem cá, que não é culpa dela, ela tem “N” crianças, ela não consegue fazer um trabalho de qualidade com essas crianças, porque uma manhã por semana não resolve o problema da deficiência da criança.

Entrevista Educadora 9

Qual a sua idade?

R: 44 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura em educação de infância.

Tem formações adicionais?

R: Pós graduações não.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 17 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 8 anos mais ou menos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: A nível da creche, a minha formação inicial claro que tem alguma influência atualmente, embora eu tenha tido um maior conhecimento quando fiz a licenciatura nalgumas cadeiras, que existiram muitos estudos recentemente sobre a creche, falámos muito principalmente na Gabriela Portugal, em que ela fazia estudos baseados nessa área e que nos despertou para algumas situações que nós não tivemos teoria na formação inicial e, também, aí podemos constatar como realmente a creche é muito importante na vida da criança, ou seja, é o primeiro patamar.

- **Formação contínua.**

R: Quando fala em formação contínua está a falar em carreira profissional, em ações de formação. Infelizmente, eu sinto isso. Infelizmente, promove-se muitas ações de formação em diversos âmbitos mas na creche muito poucas temáticas, aliás são tratadas muito poucas temáticas relativamente à creche.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Há sempre uma base, há sempre algo que vou buscar à formação inicial, ou seja, que vou reter às teorias que nos foram dadas na formação inicial mas como é óbvio não posso só agir pela teoria da formação inicial. Porque quando nós tirámos o nosso curso, já há algum tempo, em 1988 salvo erro foi quando terminei, a creche nessa altura era falada mas de uma forma muito, muito ligeira, era quase como posta de lado.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Pela formação não, porque não tivemos no nosso curso de formação inicial bases para tal. No entanto, a minha licenciatura foi baseada num tema que foi educação especial, na altura era assim que era dito a temática, então eu fiquei alertada para algumas situações e porque também gosto muito destas áreas e leio com alguma frequência e quando deteto que alguma criança está muito longe do padrão normal da faixa etária, eu vou pesquisar, falo com colegas minhas que estão na intervenção precoce, são educadoras do ensino especializado e peço ajuda, porque há fatores ambientais que nos podem passar muito ao lado mas quando nós temos na nossa frente uma criança e quando nós detetamos no dia-a-dia daquela criança que está muito longe do padrão característico da faixa etária, aí temos que pesquisar e pedir ajuda porque só pela formação inicial não chegamos lá. A minha formação atual permite porque fiz a licenciatura na área do ensino especializado, se eu não tivesse feito penso que não estaria tão alertada para este tipo de situações.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Atualmente, quando estou no âmbito de creche não me sinto satisfeita, nós acabamos por ter que desempenhar enumeras tarefas, ou seja, como todas nós sabemos em contexto de creche nós temos que

nos debruçar muito sobre a higiene pessoal de cada criança, mudar a fralda, a alimentação, que é importante para manter uma relação e um afeto com esta criança, mas por vezes devido ao nº de pessoas que eu acho que não é suficiente por sala, acabamos por não conseguir ter um olhar mais atento a outras situações, como por exemplo o desenvolvimento da criança se está no padrão, certos fatores ambientais, certos pormenores que por vezes nos podem dar um alerta que esta criança pode estar em risco ou pode não estar a ser estimulada em casa pelo contexto familiar e devido a não termos tanto pessoal na sala e desenvolvermos a atividade de uma forma muito acelerada, poderão passar-nos ao lado todas essas questões.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: (Não respondeu)

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Ao longo de todo este tempo, de há 6 anos para cá tem havido alguma redução a nível de creche, ou seja, já estive numa sala de 1 ano em que tínhamos 22 crianças e houve uma redução, no entanto, a meu ver o ideal seria um nº de crianças muito menor. Penso que o nº de crianças devia ser menor, para que nós conseguíssemos dar resposta às necessidades que são exigidas nessa idade.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 3 adultos.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Atualmente não, porque penso, essencialmente na sala de 1 ano, que não é o nº de pessoal suficiente para dar resposta às necessidades das crianças. A meu ver deveriam estar 4 pessoas por sala.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Não. Em primeiro lugar, não falo concretamente ao espaço de área da sala (agora estou a falar na sala de 1 ano), mas sim aos materiais que lá temos e ao mobiliário, que devia ser mais renovado mais estimulante e o refeitório e tudo o mais. Agora falando do berçário da nossa instituição, aí sim não concordo plenamente com o espaço, quer a nível de área e tudo mais.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: É uma questão muito difícil de responder, porque estão implícitos determinados fatores, quer do espaço os materiais didáticos ao nosso dispor, quer a nível de pessoal disponível por sala, mas existe quanto a mim um outro fator que eu acho que é muito, muito importante, embora nós digamos que não se consegue fazer uma omelete sem ovos e não é possível, mas também se numa determinada sala estiver uma educadora que saiba estimular as crianças, que se preocupe com o bem-estar delas, que esteja atenta a possíveis desvios que poderão existir numa determinada criança, numa determinada área a nível do desenvolvimento, alguns fatores ambientais que nós possamos detetar que são familiares que não estejam bem, aí poderei dizer que poderá ser um serviço de qualidade até que ponto, porque quanto a mim não é ter um espaço ideal a nível de área, a nível de materiais e a nível de pessoal que vai fazer com que esse serviço de qualidade possa acontecer, ou seja, já trabalhei numa instituição na qual o espaço era do mais moderno possível, tinha todas as condições, tinha imensas pessoas em cada sala, no entanto, não vi lá um serviço de qualidade prestado pelas educadoras, porque para elas a creche era o afeto, o mudar as fraldas, a higiene e a alimentação e não passava mais de tudo isto. Quando fala no serviço de qualidade de creche, quanto a mim eu não posso valorizar só pelo espaço, pelo nº de pessoas e pelos bonequinhos bonitos que vemos na parede. Depende muito de cada colega, depende da estimulação que se dá, depende do olhar

atento que temos para essa criança, depende dos laços afetivos que conseguimos manter com ela e da relação familiar e do nº de crianças por sala para podermos prestar todo este tipo de cuidados.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Não sei. Talvez sim, talvez não.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Quando fala em elegibilidade tem a ver não só com o desenvolvimento da criança mas também com tudo o resto, como é que a criança é apresentada diariamente a nível da higiene, a nível do vestuário, a nível da estimulação da relação que existe entre família e criança. Isto está ligado à questão anterior no seguinte aspeto, quando nós temos um nº de pessoal reduzido na sala em que nós temos que receber as crianças de uma forma imediata e temos todo um outro grupo por trás e estamos preocupadas com todo o outro grupo que está por trás e não temos um olhar atento a determinados pormenores que teríamos se tivéssemos mais pessoal. Agora é assim, eu penso que tenho capacidade para tal e tenho detetado algumas situações. Basta nós vermos que uma criança sai com uma roupinha interior hoje e amanhã volta com a mesma e vê-se que essa criança não teve higiene ao nível corporal vários dias e ao falarmos com os pais conseguimos detetar essa falha.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: As barreiras que eu encontrei foram acima de tudo barreiras burocráticas, ou seja, burocráticas e outra que nos é muito difícil que é um pai aceitar que uma determinada criança é diferente, que apresenta um défice ou outro numa área e que tem que ser trabalhada e aí nós como educadoras temos que ter alguma sensibilidade nesse campo e saber digerir toda esta situação. Quanto a mim as barreiras que eu tenho encontrado são neste campo. A meu ver, nós o (infantário x), temos um facilitador no sentido em que temos cá connosco uma colega da intervenção precoce, que é sempre ela que trabalha connosco e que nos facilita imenso porque quando nós detetamos ou temos dúvidas sobre uma criança que apresenta dificuldades numa determinada área ou que nós vemos que não está dentro do padrão normal da sua faixa etária e que temos algumas dúvidas, como temos cá sempre connosco semanalmente a colega pedimos colaboração nesse sentido e avançamos com o processo o mais rapidamente.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Eu penso que seria de todo muito benéfico que existissem mais ações de formação no âmbito da creche e que as universidades, neste caso podia ser a Universidade do Algarve, instituições dos centros de saúde, a IP que tentassem desenvolver e promover ações de formação com as educadoras nas diferentes instituições, quer instituições particulares, cooperativas, oficiais porque ao fim e ao cabo eu penso que somos nós educadoras de infância que estamos com as crianças diariamente e somos nós que detetamos determinadas lacunas que possam existir ao nível dos cuidados familiares, possa existir mesmo ao nível do desenvolvimento da criança. E penso que existem imensas educadoras que fazem um excelente trabalho nessa área mas como digo porque têm um gosto muito especial em trabalhar no ensino especializado e em pesquisar, ir à procura de, e eu acho que era muito importante que existissem. Também penso que era importante, que ao nível das instituições, quem está à frente a nível pedagógico, as diretoras pedagógicas, as coordenadoras pedagógicas estivessem mais sensibilizadas para estas temáticas e que tentassem desenvolver ações de formação, não só com as educadoras, o mais importante seria com as educadoras de infância, mas penso que também deveriam desenvolver posteriormente pequenas ações para as auxiliares de ação educativa, no sentido de as ensinar a trabalhar com uma criança diferente, essa criança não deverá ser tratada como uma criança coitadinha e facilitar todo o trabalho, nós falamos com elas e tentamos transmitir toda esta informação, mas penso que se fosse um técnico especializado nesta área elas teriam um olhar diferente sobre esta matéria.

Entrevista Educadora 10

Qual a sua idade?

R: 36 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciada em educação.

Tem formações adicionais?

R: Formação contínua no âmbito da formação e serviço.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 13 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 2 anos

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: A nível de formação inicial tive vários estágios, onde estive me creche, em intervenção precoce, APPC e fiquei bastante sensibilizada para vários contextos.

- **Formação contínua.**

R: Ao longo da carreira profissional tenho tido formação contínua na intervenção precoce da fundação Irene Rolo nas ações que são feitas direcionadas para as crianças.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sim, porque corri vários setores da educação dentro da APPC, tive contato com várias crianças com necessidades profundas, tivemos várias ações de sensibilização, trabalhei na pediatria que também vi casos, no internamento da pediatria onde houve vários casos que nos foram referidos pelas educadores e pelos médicos, como direcionar, como intervir, como selecionar.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Sim. Pela parte profissional ao longo dos anos pelas crianças que tenho tido, que durante talvez 9 anos tive várias crianças que foram referenciadas pela intervenção precoce, algumas com síndromes mais graves outras com menos.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: Atualmente acho que estamos muito desamparadas, há muito pouca informação que nos chegue, temos que procurar por nós próprias junto das instituições que dão apoio aqui no concelho, por exemplo ao nível do Algarve.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 17 efetivas e 2 a aguardar em berçário.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Não. Porque de momento tenho uma criança com uma doença rara e está a ser referenciada à CIF, com carácter permanente e o nº de bebés é muito elevado para dar assistência a todas as crianças. Não tenho redução do nº de crianças, porque só com duas crianças referenciadas é que há redução.

Solicitar às entrevistadas que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 3 em permanência e 1 pontualmente.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Não. Porque deviam ser talvez 4 em permanência.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Sim.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Nós tentamos ter qualidade de serviço, ao termos indicação conseguimos transpor algumas barreiras, ver as barreiras e tudo o mais que temos em relação a cada criança e as necessidades de cada criança. Podemos ter, mas que também poderia haver melhores condições isso poderia.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Sim.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Tenho conhecimento da CIF e fiz formação ao nível da CIF, entrei num projeto da Dr.^a Tânia Boavida, em que trabalhámos muito ao nível das caracterizações, das competências que cada criança deve ter e os critérios de elegibilidade para serem enquadradas na CIF.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: Os pais poderão ser a principal barreira, quando os pais não aceitam as incapacidades dos filhos, as necessidades, os seus défices, por um lado. Por outro lado, o material que temos para exploração, para trabalhar, para definir. O espaço da sala que às vezes não é o melhor, o mais indicado, não está mais adequado, ligado ao material. E depois o grande nº de crianças que temos por sala e quando há crianças com as tais ditas necessidades educativas especiais. Os facilitadores são a nossa experiência, a nossa prática pedagógica e se os pais também estiverem mecanismos para isso ou sensibilidade para tal, porque nunca é fácil para um pai aceitar que a sua criança não é tão perfeita como eles desejariam.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Não.

Entrevista Educadora 11

Qual a sua idade?

R: 52 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura.

Tem formações adicionais?

R: Sou coordenadora pedagógica.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 28 anos.

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 8/10 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: Tendo em conta a minha formação inicial sinto que foi válida e me facilita ainda hoje, quer dizer, ainda hoje na minha experiência eu uso aprendizagens da 1ª formação inicial. Acho que me preparou minimamente.

- **Formação contínua.**

R: A formação contínua é praticamente a experiência só, porque outras formações têm existido muito poucas ao longo do percurso e reconheço que fariam falta muito mais. Falta alguma formação, agora com a experiência como educadora, como mãe e tudo isso e a própria formação que é hoje, da experiência e teórica de leitura, porque a nível de ter formações mesmo existiram muito poucas e no contexto de creche ainda menos, o que há geralmente nunca é virado para a creche é virado para o jardim-de-infância.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: Sim, de algum modo sim, porque tenho tido alguma experiência por ter passado pela creche em termos de estágio e por ter sido também nas professoras, nas formadoras, nas cadeiras não se pensava só na minha formação inicial, a linguagem era pra infância e não especificamente para o pré-escolar e para o jardim-de-infância essa linguagem vem depois mais e só mais tarde me apercebi pelo contato com as formandas da Escola Superior de Educação que não se falava de creche, eu senti nessas pessoas com

quem convivi algumas vezes que elas tinham uma lacuna de creche total e também nas jovens educadoras que acabam agora, que são jovens porque são jovens, ainda não foram mães, que caem na creche ficam assim completamente..., pronto não têm experiência, não sabem o que vão fazer, ficam frustradas porque não conseguem fazer muitos trabalhos, realizar muitas coisas com os meninos que querem realizar, realizar e não se apercebem que a creche são outras coisas. É importante acompanharmos o desenvolvimento e estimulá-lo e esse é o nosso trabalho mais em creche do que o desenho, o papel ou o que possa brilhar no placar. E senti que a minha formação inicial teve alguma coisa disso e que neste intermédio depois das formações, da mudança das escolas, que a minha escola era uma escola virada para ser educadores de infância era escola de educadores de infância, era virada especificamente para aqui, agora é para o pré-escolar, é para os meninos, é para a educação em geral e o que vem ainda me assusta mais, porque é educação básica pelo que eu percebo, e depois não sei onde é que ficará a creche, se no mercado de trabalho a maioria são creches, e as pessoas, as rapariguinhas novas caem assim completamente à toa.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: Sim. Alguns conhecimentos teóricos que a pessoa também procura hoje em dia ir buscá-los no que se vai vendo, uma pessoa procura a nível teórico, é o que a pessoa pessoalmente consegue encontrar e que se interessa e que lê e pesquisa e depois é a nível da prática de observação, da prática com as crianças.

Pedir à entrevistada que refiram as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: As exigências são cada vez mais. A minha exigência principal e que eu me questiono e sinto angustiada é enquanto educadora não conseguir corresponder totalmente àquele grupo, àquelas crianças e a cada uma em particular, pelas contingências do grupo, pelas contingências da instituição, das horas de trabalho, das pessoas que temos na sala e essa insatisfação é quando eu me questiono “eu hoje estive bem, fiz bem, tive a paciência toda para atender a todos”. Não sei se respondo à pergunta, mas a minha questão como educadora que é realmente... e apesar de ter 28 anos de serviço e de ter 52 anos de idade, eu continuo a dizer que gosto da minha profissão e que vale a pena e retenho, mas é realmente quando olho para os rostos, para eles, às vezes já nem os posso ver na frente com todas as contingências, mas é quando no fim do dia me lembro disto e os chamo de meus, o meu isto e o meu aquilo, e o que ele faz e é aí que reside a satisfação, porque a nível institucional, da força e das condições e depois do feedback dos pais que alguns são complicados mas muitos quando se acaba um ano, e agora não falando da creche mas falando do jardim-de-infância quando se termina um ciclo com um grupo de crianças que acompanhámos desde o 1 ou 2 anos de idade e as coisas que os pais nos dizem e o que fica daquele relacionamento, e quando se chora, é gratificante, é o que vale a pena, com todas as contingências do que é ter os filhos dos outros nas mãos e as relações com as pessoas que não são fáceis.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 16 crianças.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Não, porque além do espaço físico ser diminuto, acima de 12/13 com a idade de 1 ano, e quando digo a idade de 1 ano há crianças que ainda vão fazer 1 ano, portanto tenho bebés misturados, tenho uma criança que faz 1 ano em dezembro, devia estar no berçário e está colocada numa sala de 1 ano com crianças que já têm 15/16/17 meses, crianças que em fevereiro do próximo ano, daqui a 2/3 meses fazem 2 anos, têm um desenvolvimento motor que já correm, saltam, têm umas necessidades a nível psicomotor e o resto, e os outros ainda são bebés que ainda estão sentados, uns estão a começar a adquirir a marcha agora, há um que não se conseguia sentar está agora a conseguir ficar sentado. Portanto, 16 crianças e com este leque, não se entende de forma alguma o desenvolvimento e o bem-estar individual de cada criança, é armazém

para ficar ali e a pessoa passa o dia a ver, não faças isto, não faças aquilo, não faças mal ao bebé, coitados e eles fazem, os mais velhos fazem, não faças isto se bateu, se atirou uma coisa, se tropeçou, se na sua deslocação normal passa por cima dos outros, porque eles têm que estar no mesmo espaço, porque eu não tenho pessoas para poder afastar com o grupo dos mais velhos, até retirá-los para outro lado da sala, do refeitório, porque temos que estar todas ali.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 3 pessoas.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: Não, quando as pessoas podem lá estar as 3 pode-se dizer que é suficiente, o pior é que as pessoas não conseguem, precisava de mais 1 pessoa para poder ter sempre 2 pessoas.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: Não, porque em termos de área é pequeno.

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: Apesar de tudo é, pela nossa experiência e porque tentamos com as condições que temos fazer o máximo e estar atenta ao máximo de situações para além dos cuidados de mudar fraldas e tratar, é importante mas vai para além disso, e esses próprios cuidados às vezes não são feitos com a calma, porque se temos 16 crianças para dar o almoço e a seguir mudar as fraldas e lavar, eles não têm todos tempo para comer com a calma que desejariam, para levar com cada um o tempo que desejaria, são horas de aperto em que o que interessa é despachar. Só nessas horas das rotinas, das refeições, do mudar das fraldas, que se tivesse menos crianças, se tivesse mais condições, não tivesse espaço de tempo em que está uma pessoa só está a mudar a fralda e os outros..., a pessoa até demorava mais tempo nesses momentos e interagia, e a pessoa está ali toca a despachar para eles estarem o mais rapidamente possível em situações, porque também essas são situações de risco, em que uns estão a mudar as fraldas outros andam por cima, e a pessoa é a despachar o mais rapidamente possível para que eles estejam lavadinhos, porque quando já estão ali a situação já está controlada, pelas situações de risco também que ocorrem, os acidentes que muitas vezes ocorrem nestas situações assim.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Sim.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: A experiência que nós temos, o conhecimento que temos, a experiência teórica que temos das coisas, o estarmos alerta para determinados problemas, além da experiência que uma pessoa com 52 anos já tem experiência profissional e de já ter observado muitas crianças em muitos estados de desenvolvimento diferentes, a pessoa consegue perceber que há ali determinada coisa ou pensar que irá aparecer ali algum fator menos bom a nível do desenvolvimento.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: É difícil chegar a um pai e alertar, há pais muito interessados, há pais que até veem e até são ansiosos, que veem que o miúdo não está bem, porque comparam com o outro, porque o sobrinho já dizia isto já dizia aquilo, já fazia determinadas coisas ou comparam com irmãos mais velhos, pais que são muito desportos, até são ansiosos nesse aspeto, outros não. É muito difícil nós percebermos que uma criança tem qualquer coisa mas fazer a abordagem ao pai, dizer que se calhar é melhor ver que se calhar aquilo não está tão bem, é muito difícil, porque as pessoas não conseguem ver, não querem ver e a forma de fazer

essa abordagem não é fácil, principalmente quando os pais não estão virados para aí e não aceitam e acontece muitas vezes e quem somos nós para o dizer, e depois também não temos uma equipa por trás que nos apoie, equipa a nível da instituição, uma equipa técnica que nos apoie, porque não é fácil chegar ao pé do pai e dizer, nós não podemos nem devemos catalogar, quem somos nós para isso, existem outros técnicos, mas muitas vezes também nós alertamos e os pais veem a criança de uma forma e nós vemos de outra, vemos outras coisas que eles não conseguem ver, em termos de desenvolvimento e em termos das reações com os outros e às vezes nós alertamos e os pais levam o menino ao pediatra, levam ao médico A, ao médico C, que vê a criança em contexto isolado, essas equipas às vezes também não nos facilitam, e que dizem que aquela senhora que está para lá a dizer aquilo, isso já aconteceu e é uma barreira os pais estarem predispostos a aceitar, porque as pessoas veem logo como uma deficiência, e não tem que ser, ter uma necessidade especial ou ter um fator ambiental. Não é fácil, toda a gente quer os filhos perfeitos, outro exemplo, e em termos de creche as pessoas acham que tem que ser e eu como educadora também tenho esses cuidados, as pessoas às vezes olham, até mesmo auxiliares e outros pais de fora e dizem “mas aquele menino não é normal, tem alguma coisa”, as pessoas por vezes têm tendência em observar e fazer logo juízos de valor, até as próprias auxiliares às vezes não é por mal mas as pessoas por vezes são pouco cuidadosas a dizer isso e quem somos nós para o dizermos, nem podemos. Claro que eu tenho sempre muito cuidado de se calhar não está tão bem, se calhar há alguma coisa, aquele não responde quando outros respondem nesta e naquela situação. Há pais que aceitam muito bem, há outros que não aceitam de forma alguma, outros aceitam que exista um problema mas então temos que ir ao doutor tal ou a alguém que faça um milagre. Isso também acontece quando depois vêm as equipas de intervenção precoce, como têm uma pessoa já a ajudar, as pessoas acham que é como uma dor de cabeça que toma-se um remédiazinho para passar. As equipas de intervenção precoce são facilitadoras, mas os pais há os que não aceitam e os que aceitam mas esperam que venha dali um milagre, isto a nível destes problemas da intervenção precoce, quando é uma doença as pessoas são muito recetivas a isso, se tem o pé torto é porque precisa de usar botas, esses problemas a nível físico que se vêm as pessoas são muito recetivas, quando a criança é perfeita aparentemente e só não responde ao nível do desenvolvimento, não querem ou não conseguem ver e mesmo depois de aceitarem mal estão à espera que aquilo seja como uma doença, uma dor de cabeça ou uma ferida e se há um remédio para aquilo e as pessoas perceberem que têm ali um handicap para a vida é difícil e nós não apontamos, só podemos encaminhar para os técnicos que têm essas competências e depois informar as pessoas mas não é fácil, muitos pais não querem ver e reagem mal.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: Acho que fui esclarecedora e apesar de tudo a pessoa vai tentando e ajudando mas não é fácil e depois hoje em dia também estamos mais despertos para estes problemas, antes via-se a criança que tinha uma deficiência, tinha uma trissomia 21 ou tinha uma deficiência física ou paralisia cerebral, uma coisa que era visível até a nível físico, estas coisas agora destes novos síndromes que aparecem que não se falava. Em contexto de formação inicial, nós falávamos do comportamento dos meninos, do desenvolvimento a nível psicológico, os padrões ditos normais e vemos se a criança atingia, mas o máximo que se falava era de trissomias 21 ou coisas assim, estes novos síndromes que aparecem e as novas necessidades, os défices de atenção eram coisas que na formação inicial não se punham. O máximo que se apresentava na psicologia eram as trissomias 21 e a nível comportamental, os contextos socioeconómicos em que estavam inseridos, aqueles problemas que detetávamos a nível comportamental e as dificuldades que tínhamos com os grupos, estas novas necessidades são uma coisa destes tempos ou estamos mais despertos para eles pelo contexto em que se vive, não dei na minha formação inicial a hiperatividade, nem aspergem, já se falava de autismo mas era uma coisa ainda do autismo profundo nem comunicavam, agora estes novos leques de formas mais ligeiras que hoje já se vêm, e os pais dessas crianças que é difícil chegar-se lá e depois são catalogados em contexto de meninos que se portam mal.

Entrevista Educadora 12

Qual a sua idade?

R: 32 anos.

Qual a sua profissão?

R: Educadora de infância.

Quais as suas habilitações académica?

R: Licenciatura em educação de infância.

Tem formações adicionais?

R: Mestrados não, só formações que tiramos aqui, de 1ºs socorros, técnica de animação de grupos.

Quantos anos de serviço na carreira docente?

R: 3 anos.

Considera que as suas práticas pedagógicas no contexto de creche são influenciadas pela sua formação inicial? Porquê?

R: (Não respondeu)

Quantos anos de serviço docente na resposta social de creche?

R: 2 anos.

Solicitar à entrevistada que caracterize o modo como se sente atualmente, como educadora, tendo em atenção:

- **Formação inicial;**

R: Como educadora tenho ainda pouca experiência, mas como já trabalhei com crianças sendo assistente técnica já tinha algum conhecimento e foi uma mais-valia para a minha formação agora, tanto que tirei o curso como educadora.

- **Formação contínua.**

R: Em relação à formação contínua, acho que é importante continuarmos sempre, muitas vezes não temos o tempo que queríamos porque também temos que preparar as coisas em casa, estas crianças requerem muita atenção na sala, é complicado dar atenção a todos, uma vez que são muito pequeninos, neste momento estou na sala de 1 ano e as crianças não têm muita autonomia e requerem muita atenção do adulto.

R: Sim, porque como eu lhe disse ainda sou muito verde neste tema, tenho sempre receio que possa falhar, ninguém gosta de falhar, é normal. E tento sempre pedir opinião a outras colegas com mais experiência que me ajudem, mas tenho sempre como base o início, o que é que fiz com as crianças, o que é que tenho que melhorar e o que é que não tenho que melhorar. A minha formação inicial não me preparou o suficiente para que eu me sinta à vontade com as minhas práticas pedagógicas porque nunca tive estágio na universidade no 3º ou 4º ano em creche e depois chegamos aqui e é complicado saber

como é que temos de agir perante um grupo de crianças com 1 ou 2 anos, uma vez que é a partir dos 3 que fazemos o estágio.

Na sua opinião a sua formação permite ser detetor de crianças para a SNIPI? Porquê?

R: A formação não, mas nós com a experiência e com a comparação com outras crianças que temos na sala podemos ver se aquela criança tem o mesmo nível de desenvolvimento e as mesmas capacidades que as outras.

Pedir à entrevistada que refira as exigências do dia-a-dia da profissão:

- **Satisfação profissional.**

R: É uma profissão em que temos que estar sempre bem-dispostas, porque isso passa para a criança e vê-se no dia em que estamos mais agitadas as crianças também ficam mais agitadas, o nosso bem-estar é o bem-estar das crianças e isso influencia a crianças e nós também nos sentimos melhor e mais satisfeitas quando estamos mais descontraídas mais à vontade. No contexto da instituição sinto-me muito satisfeita a todos os níveis.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de crianças que frequentam a sala.

R: 10 crianças.

Concorda com o número de crianças? Porquê?

R: Sim, neste momento parece que é fácil gerir esse nº de crianças, também nunca trabalhei com menos de 10.

Solicitar à entrevistada que mencione o número de adultos titulares de sala?

R: 2 adultos.

Concorda com o número de adultos? Porquê?

R: No início, na adaptação é muito difícil serem só 2 pessoas na sala precisamos sempre de mais uma colega que já está na sala, as crianças já estão adaptadas, é complicado no início não conhecemos e também não nos conhecem, e os pais é um bocadinho complicado, mas nesta instituição temos ajuda no início do ano letivo.

Considera o espaço adequado ao número de crianças existentes? Porquê?

R: (Não respondeu)

Na sua opinião é prestado um serviço de qualidade no contexto de creche que detete crianças com risco grave de desenvolvimento? Porquê?

R: De qualidade não sei, mas que detete sim. Qualidade porque nós não tivemos a formação que devíamos ter e a esse nível não me sinto preparada para poder dizer, esta criança não tem o seu desenvolvimento normal para a idade que tem.

Como educadora de infância sente-se capacitada para identificar critérios de elegibilidade?

R: Sim, fazendo as comparações.

Quais os requisitos para essa sinalização?

R: Se a criança não andar, se a criança tiver dificuldade em falar quando tem 2 anos e só apontar, também há qualquer coisa de anormal.

Quais as barreiras e os facilitadores para a sinalização de crianças para a IPI?

R: A principal barreira são os pais, é difícil aceitar que o seu filho é diferente das outras crianças, é a principal barreira. Depois a outra barreira, eu como não tenho experiência, será a quem é que me devo dirigir, por isso quando há qualquer coisa de anormal eu tento sempre falar com outra colega para procurar outro tipo de opinião e me encaminhar. Se tivesse uma criança que detetasse alguma situação, que apresentasse risco grave de desenvolvimento eu não saberia como fazer o relatório que tem que se mandar, não sei se é para mandar para o centro de saúde, se tenho que perguntar ao médico de família ou ao hospital de Faro que é o que temos mais perto, não sei a quem me dirigir.

Solicitar à entrevistada se deseja comentar algum assunto que não tenha sido referido.

R: O único assunto que posso comentar é a nossa formação inicial como educadoras é pouco e quando chegamos à parte que temos mesmo que trabalhar sem a supervisão nem coordenadora às vezes é um pouco complicado, se não tivermos quem nos ajude e o tempo de serviço porque nesta profissão vamos amadurecendo com o tempo quanto mais tempo trabalharmos acho que mais capacidades ficamos, cada dia é um dia novo e é um mundo de experiências, um ano pode correr assim e o outro ano é diferente, cada criança é diferente, cada grupo é diferente. A creche é a única valência que não conta como tempo de serviço, uma vez que a nossa instituição só tem creche.